

A photograph of a smiling man wearing a wide-brimmed hat with a patterned band and a light-colored shirt. He is standing in front of a simple, light-colored building with a tiled roof. The scene is bathed in warm, golden light, suggesting late afternoon or early morning. The background shows a dirt area and some wooden structures.

# QUI LON BO LAS

**CEMIG**  
NO CAMPO

**QUI  
LON  
BO  
LAS**

**CEMIG**  
**NO CAMPO**

ISBN: 978-65-88694-07-7

**Ficha Técnica**

**Realização:** Cemig

**Conteúdo Editorial:** Bernardino Furtado - SSA Soluções Socioambientais Ltda

**Edição:** 1ª edição

**Projeto Gráfico:** 18 Comunicação

**Diagramação:** 18 Comunicação

**Revisão ortográfica:** 18 Comunicação

**Fotos:** Marcelo Sant'Anna

**Impressão:** Rona Editora

**Tiragem:** 1000 unidades

**Distribuição:** Gratuita

Todos os direitos reservados à Cemig Distribuição S.A.

# SUMÁRIO

**9**

Mensagem  
do presidente

**11**

Apresentação

**12**

Programa de  
eficiência energética

**14**

Cemig  
no campo

**18**

Números  
do projeto

**20**

Abrangência  
do projeto

**21**

Municípios  
atendidos

**22**

O que são  
quilombos?

**26**

De lavoura  
e arte

**50**

Histórias e lendas  
da escravidão

**54**

Flores no caminho  
dos tropeiros

**64**

Fé e alegria  
do Candombe

**72**

Congadeiros  
do Cerrado

**76**

Quilombolas  
na universidade

**90**

A identidade  
redescoberta

**100**

A cultura quilombola  
dialoga com a cidade

**104**

Quilombolas irmãos na  
luta pela permanência

**118**

Andanças: resistência  
e resgate cultural

**130**

A luta contra  
a invisibilidade

**138**

Uma explosão  
de cores e ritmos

**150**

Um grande quilombo  
em forma de cidade

**167**

Mais  
comunidades

# MENSAGEM DO PRESIDENTE

O livro Quilombolas é uma homenagem à ancestralidade de Minas Gerais, esse Estado formado por povos e tradições. E mais do que isso, essa obra é um registro sobre como nossa Companhia atua nas pequenas comunidades.

As histórias que serão contadas pelas próximas páginas apresentarão um pouco da cultura mais profunda de Minas, aquela que não é visível para grande parte da sociedade. São localidades onde a presença da energia elétrica realmente transforma a vida das pessoas, permitindo a utilização de equipamentos que trazem maior

bem-estar para as famílias e melhor produtividade para os trabalhos e atividades cotidianas. Em outras palavras, são comunidades onde a energia chega para trazer desenvolvimento humano, social e econômico.

Agradecemos às mais de 200 comunidades que já receberam, com toda a hospitalidade mineira, o Projeto Cemig no Campo. Da nossa parte, seguiremos firmes no propósito de transformar vidas com a nossa energia e trabalhando para todos os mineiros.

**REYNALDO PASSANEZI FILHO**

*PRESIDENTE DA CEMIG*

# APRESENTAÇÃO

*“MINHA VIDA É ANDAR POR ESSE PAÍS / PRA VER SE UM DIA DESCANSO FELIZ / GUARDANDO AS RECORDAÇÕES DAS TERRAS ONDE PASSEI / ANDANDO PELOS SERTÕES E DOS AMIGOS QUE LÁ DEIXEI...”*

*(Luiz Gonzaga / Herve Cordovil, A Vida de Viajante)*

Nos últimos dois anos, o Projeto Cemig no Campo percorreu estradas de terra, subiu morros e atravessou rios e ribeirões, andou de norte a sul e de leste a oeste de Minas Gerais, levando informação e conhecimento sobre o uso eficiente e seguro da energia a mais de 200 comunidades rurais, quilombolas e indígenas. Em troca, recebeu sorrisos e braços abertos, além da certeza de que essa ação gerou um impacto muito positivo na vida de seus moradores.

Iniciativas como essas trazem também orgulho e satisfação para as equipes do Programa de Eficiência Energética e para todos os colaboradores da Cemig, porque tornam palpável o impacto das ações da companhia na vida dos mineiros, estabelecendo laços que vão além do fornecimento com qualidade e continuidade da energia elétrica.

Nessas comunidades, nossas equipes tiveram a oportunidade de conhecer de perto e de conversar com seus moradores, registrando os momentos mais significativos desses encontros para documentação e comprovação das atividades realizadas.

O resultado final foi tão rico de informações sobre a vida dos quilombolas que a Cemig quis não apenas guardar esses registros, mas também disponibilizar ao público em geral as fotos e os dados sobre as comunidades atendidas. Dessa forma, os leitores poderão conhecer, nas páginas deste livro, amplamente ilustradas com fotos e testemunhos colhidos, lugares e histórias fascinantes que fazem parte do cotidiano de seus moradores.

Das mais de 200 comunidades atendidas neste projeto, foram selecionadas 130 quilombolas para fazer parte deste registro, uma parcela muito representativa dos remanescentes dos antigos quilombos que se dispersaram pelo território mineiro no final do século XIX. Sua importância, no entanto, como os leitores poderão verificar, não se resume à quantidade numérica, mas se deve principalmente ao seu incomparável patrimônio cultural e humano, que merece ser conhecido por todos.

**RONALDO LUCAS QUEIROZ**

GERENTE DE EFICIÊNCIA ENERGÉTICA - CEMIG



## PROGRAMA DE EFICIÊNCIA ENERGÉTICA

O Governo de Minas e a Cemig realizam o Programa de Eficiência Energética - PEE, que é regulado pela Agência Nacional de Energia Elétrica, Aneel e responsável por aplicar, conforme legislação, o percentual estabelecido da receita operacional da companhia em ações que promovem o uso racional, eficiente e seguro da energia elétrica e a redução do desperdício desse recurso com foco na sustentabilidade.

O PEE tem a missão de promover a mudança de hábitos, resultando na eliminação ou redução do desperdício e preservação dos recursos naturais. Isso se deve, principalmente, pela promoção de medidas educativas e a substituição de equipamentos obsoletos por

outros mais modernos, para reduzir a demanda e o consumo de energia, reduzindo também o desperdício e o valor da conta.

Desde o início do Programa pela Cemig, foram investidos mais de 700 milhões de reais em iniciativas que contemplam, principalmente, famílias de baixa renda, entidades beneficentes e filantrópicas, hospitais públicos, órgãos públicos, prefeituras, instituições de ensino, entre outros.

**As iniciativas do PEE já beneficiaram 706 dos 774 municípios mineiros localizados na área de concessão da empresa. Até 2023, todos os 774 municípios serão beneficiados com pelo menos uma ação do Programa.**





# CEMIG

NO CAMPO

## CEMIG NO CAMPO

O Projeto Cemig no Campo teve o objetivo de levar orientações sobre o uso eficiente, sustentável e seguro da energia elétrica e promover a modernização de equipamentos, como lâmpadas, chuveiros e geladeiras, para o atendimento a mais de 200 comunidades rurais, quilombolas e indígenas do estado, beneficiando diretamente mais de 18 mil famílias.



Comunidades tradicionais, como quilombolas e aldeias indígenas, são responsáveis pela preservação de saberes culturais ligados à terra e às tradições desses povos dos quais são remanescentes. Porém, essas famílias dependem de recursos tecnológicos, como a energia elétrica, para sua sobrevivência, na educação e nas atividades econômicas.

A Cemig visitou mais de 18 mil famílias, orientando-as quanto ao uso eficiente e seguro da energia elétrica. Além disso, foram substituídas lâmpadas ineficientes por lâmpadas LED, troca de chuveiros e geladeiras por equipamentos mais modernos e a realização de palestras que abordaram as temáticas de eficiência energética, produção e agricultura familiar e saneamento básico no ambiente rural. A ação teve ainda a exibição de maquetes que retrataram o consumo de energia nas residências.

Essas atividades de orientação foram realizadas pelo Caminhão da Energia, uma unidade móvel com ambiente adaptado e equipado para ser uma sala de aula. Para a execução deste projeto e atendimento às comunidades quilombolas e indígenas, a Cemig, por meio do Programa de Eficiência Energética, destinou investimentos superiores a R\$ 5 milhões.

A Cemig tem o propósito de expandir essas ações. Levar eficiência energética a grupos sociais que têm uma ligação forte com o meio ambiente é um desafio e, ao mesmo tempo, uma oportunidade de transmitir tecnologias que contribuem para a qualidade de vida dessas pessoas.

## NÚMEROS DO PROJETO



## ABRANGÊNCIA DO PROJETO



*MAIS DE 200 COMUNIDADES FORAM*

*BENEFICIADAS COM O PROJETO CEMIG NO CAMPO*

*CONTEMPLANDO MAIS DE 18 MIL FAMÍLIAS.*

## MUNICÍPIOS ATENDIDOS

<i>Açucena</i>	<i>Francisco Sá</i>	<i>Pescador</i>
<i>Angelândia</i>	<i>Gameleiras</i>	<i>Pompéu</i>
<i>Antônio Dias</i>	<i>Gouveia</i>	<i>Porteirinha</i>
<i>Ataléia</i>	<i>Guanhães</i>	<i>Presidente Juscelino</i>
<i>Belo Oriente</i>	<i>Itabira</i>	<i>Presidente Kubitschek</i>
<i>Belo Vale</i>	<i>Itamarandiba</i>	<i>Sabinópolis</i>
<i>Berilo</i>	<i>Jaboticatubas</i>	<i>Santa Luzia</i>
<i>Bocaiuva</i>	<i>Jaíba</i>	<i>Santa Maria de Itabira</i>
<i>Brumadinho</i>	<i>Janaúba</i>	<i>São Francisco</i>
<i>Cantagalo</i>	<i>Januária</i>	<i>São João da Ponte</i>
<i>Capelinha</i>	<i>Jequitibá</i>	<i>São João das Missões</i>
<i>Catuti</i>	<i>Manga</i>	<i>Senhora do Porto</i>
<i>Coluna</i>	<i>Minas Novas</i>	<i>Serro</i>
<i>Conceição do Mato Dentro</i>	<i>Monte Azul</i>	<i>Setubinha</i>
<i>Conselheiro Lafaiete</i>	<i>Ouro Verde de Minas</i>	<i>Varzelândia</i>
<i>Diamantina</i>	<i>Pai Pedro</i>	<i>Verdelândia</i>
<i>Dom Joaquim</i>	<i>Paraopeba</i>	<i>Veredinha</i>
<i>Dores de Guanhães</i>	<i>Paulistas</i>	<i>Virgem da Lapa</i>
<i>Ferros</i>	<i>Peçanha</i>	<i>Virgolândia</i>

# O QUE SÃO QUILOMBOS?

---

*Boa parte dos brasileiros ainda associa as palavras quilombo e quilombola a escravos fugidos das senzalas que formaram sociedades com regras próprias em locais remotos e que frequentemente sofreram o combate de forças militares ou paramilitares, sendo em muitos casos extintos por essa repressão.*

# O caso emblemático é o Quilombo dos Palmares,

no atual estado de Alagoas, liderado por Zumbi. Foi uma experiência da segunda metade dos anos 1600. Zumbi dos Palmares segue reverenciado pelo movimento negro em geral, e quilombola em particular. O 20 de novembro, quando morreu, tornou-se o Dia Nacional da Consciência Negra.

Mas outro conceito de quilombo emergiu da prática do movimento social, sendo consagrado em alguns diplomas legais importantes.

A começar pela Constituição Brasileira de 1988, o artigo 68 diz: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras fica garantida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”. Em outros artigos, a Constituição também determina a proteção das manifestações culturais populares e

afro-brasileiras e inclui no patrimônio cultural brasileiro a identidade e a memória dos grupos formadores da nossa sociedade, entre eles os afro-brasileiros.

Não menos importante foi a ratificação pelo Congresso Nacional da Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que assim ganhou força de dispositivo constitucional para os brasileiros. A Convenção determina o direito à autodeterminação dos povos indígenas e tribais, o que inclui os quilombolas. Por isso, a decisão de cada comunidade de se autodefinir quilombola é a base para emissão do certificado da Fundação Cultural Palmares.

A combinação dessas leis reconhece os quilombos como uma população de herdeiros, continuadores e transformadores de uma cultura que está na raiz da formação do Brasil de hoje. Mesmo que a cor da pele tenha embranquecido em muitos quilombolas, a essência da ancestralidade afro-brasileira está viva.

Como em todo o país, boa parte das comunidades quilombolas de Minas se formaram pouco antes ou depois da Abolição, justamente quando muitos pretos, tornados livres, são abandonados à própria sorte pelos antigos senhores. Então, buscaram um lugar para viver, ocupando áreas de pouco ou nenhum interesse para a economia agrícola da época.

A extração de ouro e diamantes no Centro e no Jequitinhonha, as fazendas de café do Sul e da Zona da Mata e de gado do Norte mobi-

lizaram uma numerosa mão de obra escrava. Por isso, Minas é um dos estados com maior população quilombola, detentora de um patrimônio cultural valiosíssimo em sua diversidade - música, dança, escultura, tecelagem, religiosidade e muitos saberes de matriz afro-brasileira - que absorveu e recriou, a seu modo, a influência branca e indígena.

A Cemig reconhece a importância dessa gente para a construção das riquezas de Minas e do Brasil. Por isso, deu prioridade a comunidades quilombolas rurais na atual etapa de suas ações de eficiência energética para a baixa renda. Este livro é um retrato desse reconhecimento.

Nas páginas seguintes, apresenta a extraordinária beleza da população atendida pelo projeto Cemig no Campo.

# DE LAVOURA E ARTE



*Um dos mais antigos de Minas, o município de Minas Novas surgiu no fim da década de 1720, mobilizando escravos para a extração do ouro encontrado no ribeirão Bom Sucesso. A decadência da mineração fez dos antigos escravos agricultores laboriosos, com trajetória de migração temporária para a colheita de cana-de-açúcar e café. A pobreza e o trabalho árduo jamais sufocaram, contudo, o pendor para a arte.*

## QUILOMBO

A construção é de tijolos de barro cru, esteios e vigas de braúna e piso de chão batido laqueado com esterco bovino. Periodicamente, os moradores caíam as paredes com pano molhado em tabatinga, uma argila que dá um tom alvíssimo para as paredes.

Nessa casa, realizou-se o velório de Maria Lopes de Souza, avó do atual residente, Vicente Moreira de Souza, que na época mal passava dos dois anos de idade. Hoje, com 71, o lavrador ainda trabalha nas roças e é guardião de feitos e saberes das gerações que formaram comunidades como a de Quilombo, onde mora, a 70 quilômetros do núcleo urbano de Minas Novas, no Médio Jequitinhonha.

Em certos domingos, há emergências a atender. Dois rapazes chegam de moto. Uma parente sente fortes dores na coluna. Do engra-

damento do telhado de uma cabana, Vicente retira insumos da medicina caseira. São cipós, cascas, raízes e galhos secos de espécies do cerrado, que ele lasca com um facão: escada-de-macaco, algodãozinho, barbatimão, maracujinho, ipê roxo... Recomenda solução em vinho de jurubeba, de chapéu-de-couro ou cachaça. Se afasta para fazer a reza e deseja boa sorte.

A mulher, Maria Rodrigues de Souza, de 66 anos, faz biscoitos. Mistura goma (polvilho) de mandioca, produzida em casa da sagra do quintal, com água, gordura de porco e sal. Depois, põe-se a preparar o forno, um domo de barro de cupinzeiro. Enche de lenha, bota fogo e espera esquentar. Depois, retira as brasas e acomoda os tabuleiros de massa cortada. Tapa as aberturas com folhas de coqueiro catolé molhadas para que o calor das paredes do forno complete o processo.





Vicente conta, carinhosamente, o enredo do casamento quilombola com Maria, digno da história das comunidades tradicionais do Vale do Jequitinhonha. “Eu tinha 5 anos de idade. Minha mãe era parteira e foi chamada. Meu pai me mandou buscar o burro para minha mãe montar. Deu trabalho, o burro era arisco. Fui junto com eles. Nasceu uma menina. Era costume se matar uma galinha para fazer o caldo de parida. Deram o fígado da galinha para meu pai. Ele veio comendo na volta e provei um pedaço. Foi com essa menina que me casei.”



*O POVO DE QUILOMBO CONSERVA O USO DA FLAUTA,  
FABRICADA COM UMA ESPÉCIE DE BAMBU, NO ARRANJO DA MARUJADA,  
QUE POR ISSO GANHOU O NOME DE BANDA DE TAQUARA*



Os saberes de Quilombo são fortemente assentados no uso sustentável dos recursos naturais, numa região em que as chuvas estão cada vez mais irregulares e exigem um cuidado especial com as nascentes, afetadas pela monocultura de eucalipto nas chapadas, lugar de recarga dos aquíferos.

Recursos naturais que também são fonte de música. O povo de Quilombo conserva o uso da flauta, fabricada com uma espécie de bambu, no arranjo da marujada, que por isso ganhou o nome de banda de taquara.

Manoel Moreira de Souza, conhecido como Manezinho, é um fabricante e tocador remanescente dessa flauta, que alguns

estudiosos atribuem à influência de indígenas que viveram na região. Embora ultimamente esteja sendo tentado a usar canos de PVC, Manezinho continua apanhando os bambus, taquara lisa ou cascuda, no mato. “Dá mais trabalho, tem de escolher bem e pôr pra secar com cuidado”, explica.

O encolhimento da população das comunidades quilombolas do Alagadiço pela migração em busca de trabalho provocou a união para manter a marujada viva. Hoje, fazem parte da banda de taquara: homens, mulheres e jovens também de Trovoadá e de Cabeceiras, a comunidade mais antiga da região, a 80 quilômetros da sede de Minas Novas.



## SANTIAGO

A comunidade se formou das famílias de Adrião Rodrigues Soares, Isaías Rodrigues dos Santos e Cesário Pereira dos Santos, que compraram terras dos descendentes de Hermenegildo Pimenta, presumido primeiro dono da Fazenda Alagadiço. Descendentes de Adrião, como José Rodrigues Soares Neto, formam um dos principais ramos da atual população de Santiago, que reúne pouco mais de 50 famílias.

Convertidos à Congregação Cristã do Brasil, os Rodrigues Soares Neto convivem com fiéis de outras denominações evangélicas e católicos. Em comum, têm forte apego à cultura dos antepassados e orgulho da condição quilombola, que associam fortemente às suas terras, reduzidas a pequenas chácaras nas encostas.

Maria dos Anjos Lopes Santos Soares, casada com um descendente direto de Adrião, vem de uma família da vizinha comunidade de Quilombo. É referência entre os moradores de Santiago na afirmação da identidade quilombola, como professora e hoje diretora da escola municipal local.

De maneira respeitosa, ela demonstra como, não faz muitas décadas, se obtinha luz nas casas e caminhos: lamparina de querosene ou óleo de mamona e, nos maiores apertos, ateando-se fogo a cascas da árvore candeia, antes abundante na região.

“Procuo passar isso às crianças na escola, mostrando como é importante não perdermos o contato com a nossa origem pobre, mas trabalhadora e alegre.”



## CABECEIRA

José Rodrigues da Costa, de 74 anos de idade, aprendeu a tocar acordeão de ouvido. Demorou a juntar dinheiro para comprar um usado, marca Veronese, 80 baixos, verde. “Toco música de Folia de Reis, Folia do Divino, Folia de São Sebastião, Vilão, Caboclos”, cita, executando, uma a uma, as melodias e as letras.

José andou muito na juventude, esteve na divisa do Paraná com o Paraguai, derrubando mato para abrir lavoura. Voltou e diz que não sai mais. Tem orgulho de conservar nos fundos de casa um monjolo, que na região chamam de gangorra, bastante prejudicado pelas estiagens dos últimos tempos que mingam o curso do Córrego Casa Velha. Sobrevivem também uma moenda de cana manual e uma prensa de mandioca, acionada pelo peso de

pedras. Coisas dos tempos em que não havia energia elétrica, que só chegou nos anos 2000.

João Ferreira dos Santos, presidente da associação de moradores por 13 anos, conta que Cabeceiras teve a autodefinição como comunidade quilombola certificada pela Fundação Cultural Palmares em 2003.

“Aqui é muito antigo. Meus avós vieram de Santo Antônio do Fanado, hoje município de Capelinha. Depois de um tempo construíram uma igreja de pau-a-pique e começaram a vir padre para rezar missa. Essa que tá aí foi feita depois, em 1932. Meus antepassados vieram fugindo de seca e gostaram daqui porque tinha muita água e coco catolé, que dá um palmito bom, e animal de caçar.”



## MATA DOIS

Nas comunidades tradicionais de Macuco, Pinheiro, Mata-Dois e Gravatá de Cima, as biografias são pontuadas em número de safras. São os períodos de seis a dez meses por ano em que homens, principalmente, mas também mulheres, migram para trabalhar no corte de cana-de-açúcar, na colheita de café e, às vezes, algodão. A distância entre os que ficam e os que viajam parece também fazer aflorar um outro traço da personalidade dessas pessoas valentes: o talento para a arte.

Numa colina isolada da comunidade Mata Dois, Adriano Rodrigues Barroso, mais conhecido como Sereno, apelido que adotou como nome artístico, construiu uma casa espaçosa e a equipou com fartura de móveis e eletroele-

trônicos, entre eles um teclado. Aos 33 anos de idade, conta que o patrimônio vem das 11 safras que fez, principalmente em usinas de açúcar do interior de São Paulo e de Campos do Goitacazes (RJ). Também colheu café.

Foi justamente na usina que aprendeu de ouvido a dedilhar teclados. Compõe músicas. A primeira é uma homenagem ao Vale do Jequitinhonha, que gravou caseiramente e publicou no Youtube. Seu gênero é o forró. Ele ainda vislumbra a música como uma saída para o forte declínio da colheita manual da cana-de-açúcar. Mas anda desanimado. Reclama da pouca renda que obtém em apresentações nas festas da região. “Quem sabe ainda arranjo um produtor pra tocar em São Paulo?”





Em outro ponto do Mata-Dois, Ivani Moreira Gomes Viana, nascida em Córrego das Almas, Chapada do Norte, vive com o marido Geraldo, criado na comunidade de Macuco, Minas Novas. Em volta, é tudo parente e os casamentos acontecem entre pessoas de comunidades vizinhas, explicam.

Geraldo foi homem das safras em São Paulo. Conta que chegou a disputar o “facão de ouro”, que algumas usinas costumavam conferir aos trabalhadores mais produtivos nos canaviais. Diz que guarda em casa um conjunto

de louça que ganhou numa dessas jornadas. “Cheguei a cortar 97 metros de cana num dia”, conta. Mas lembra que o trabalho era remunerado de acordo com a produção individual, o que consistia no verdadeiro estímulo para ele.

Em casa durante as safras, Ivani enveredou pelas linhas do crochê. Suas peças – colchas, capas de almofada, bolsas – chamam a atenção pela alegria encantadora das combinações de cores vivas e pela delicadeza dos pontos de amarração.

“Virou uma renda extra para nós, porque eu nunca deixei de trabalhar na roça. Mas também é um prazer.”

## MACUCO

Geraldo Macedo aprendeu a construir tambores, de vários formatos e tamanhos. Usa troncos roídos de cupins que encontra no mato e o couro que compra na cidade.

“Copio das caixas que vi nos batuques, nos congados. Faz mais de 20 anos”, explica.

Ele cortou cana, colheu café e trabalhou muitas safras como balanceiro nas usinas,

pesando sacas de açúcar. Uma filha deficiente, que exige cuidados constantes, abreviou o retorno definitivo para o Vale.

No pequeno terreno planta roças de subsistência, cria cabritos, galinhas e colhe frutos no cerrado: pequi, mangaba, jatobá, cagaita. Lembra de tempos mais difíceis, quando não havia luz.



“Aqui em casa, chegou tem 10 anos. Antes, era querosene, que nem sempre a gente conseguia comprar. Então, a saída era socar no pilão semente de mamona com algodão para fazer uma vela, que queimava devagar.”

Estão na casa dos 70 anos, começaram cedo como trabalhadores migrantes e guardam histórias inimagináveis para os dias atuais. Geraldo Fernandes Barroso, de 73, presidente da associação que reúne as comunidades de Pinheiro, Macuco, Mata-Dois e Gravatá, visita Tomé Lopes Soié, no Macuco. Recordam juntos o que enfrentavam para chegar às lavouras de São Paulo.

Começava com uma viagem a pé por trilhas até Leme do Prado – cerca de 20 quilômetros em linha reta, atravessando o rio Araçuaí de canoa. Tomavam um ônibus para Diamantina.

Embarcavam num trem para Belo Horizonte. Passavam uma noite na estação. Seguia-se o trem para São Paulo, com

desembarque na Estação da Luz. Tinham que passar pelo serviço de imigração, que lhes fornecia um ‘passe’ – passagem gratuita de trem para as cidades agrícolas do interior.

O passe podia demorar três dias ou uma semana. Sem dinheiro, se arranchavam nos arredores da estação, ao relento.

Tomé atravessou 24 safras operando uma máquina de costurar sacos de açúcar. Certo dia, foi atingido por um saco que despencou de uma pilha. Foi prensado pela esteira e dado como morto. A usina o transferiu para o serviço de faxina, com redução de salário. Não consegue caminhar ereto. Se arrasta. Mas não largou o cabo da enxada. Até hoje capina as lavouras de casa no tempo das águas.



# PINHEIRO

Se gastronomia é uma arte, o bolo de fubá assado em folha de bananeira do Vale Jequitinhonha merece o título, e muito. A preparação começa na véspera, explica Mariete Martins Ramos dos Santos, da comunidade Pinheiro, em Minas Novas.



“Tem que deixar a mistura de fubá, farinha de mandioca e melado de cana descansar uma noite”, explica.

No dia seguinte, junta-se ovos, leite e fermento à massa. Essa parte se dá na casa do vizinho, Geraldo Fernandes Barroso, porque o forno de cacos de telha de Mariete ruiu depois de muitos anos de uso. Solícita, a família Barroso se incumbe de cortar as folhas de bananeira no quintal e de alimentar o forno com lenha bem seca. Forno quente, brasas varridas para fora, os 32 bolos compridos arranjados em tabuleiros assam no barro quente. Uma fartura comunitária!





## GRAVATÁ DE CIMA

A vida das comunidades rurais tradicionais é feita de ciclos que seguem o calendário climático. Uma das atividades típicas do período seco, especialmente entre agosto e setembro, é a fabricação de rapadura, melado e açúcar. As chuvas ‘azedam’ a cana, explica Maria Ilda Soares Rodrigues. Nos últimos anos, tem a ajuda do marido, José Maria Nunes Rodrigues, que acumulou 16 safras como cortador de cana e operador de mesa alimentadora de moendas em usinas de açúcar.

Na comunidade de Gravatá de Cima, município de Minas Novas, a família labuta numa tenda, com motor a diesel e tacho para cozinhar a garapa. Nos meses

de dezembro, levam para vender a R\$ 12 na feira de Chapada do Norte as últimas peças de rapadura, que pesam cerca de dois quilos cada uma. Ficam armazenadas num estrado sobre o fogão a lenha para neutralizar a umidade do fim da primavera.

É uma atividade em decadência. Maria Rosa Alves da Silva, na comunidade de Pinheiro, conserva como lembrança o velho engenho de madeira tocado por bois. A família fez por muitos anos o chamado açúcar de caixa, branqueado com barro, dentro de recipientes em forma de funil. “Estou velha. Dá muito trabalho. Não compensa mais.”

# HISTÓRIAS E LENDAS DA ESCRavidÃO

ENCRAVADO NA ANTIGA REGIÃO MINERADORA DO SERRO E DIAMANTINA, O MUNICÍPIO DE GOUVEIA NASCEU NO SÉCULO 18. HÁ REGISTRO DE QUE A ANTIGA MATRIZ CATÓLICA, DEMOLIDA EM 1959, JÁ EXISTIA NOS ANOS DE 1740. A ORIGEM E A LOCALIZAÇÃO EXPLICAM PRESENÇA DE QUILOMBOLAS NO MUNICÍPIO.

## ESPINHO

A fundação da comunidade é datada em cerca de 300 anos por pesquisadores acadêmicos. Há cerca de 15 quilômetros de Gouveia, por estrada tortuosa de terra, a comunidade quilombola foi certificada pela Fundação Cultural Palmares em 2009. Padece de um forte êxodo de moradores, especialmente os jovens, em busca de trabalho. Quem ficou, vive de pequenas lavouras e do tradicional artesanato de palha.

A casa de Sebastião Luiz da Silva é considerada pelos moradores a mais antiga de Espinho a resistir ao tempo e suas mudanças. Foi construída por bisavós do atual residente, que seriam pioneiros na comunidade. A mãe de Sebastião, Raimunda, faleceu em 2012, com 107 anos de idade. Da origem quilombola, ele conta, com prazer, muitas histórias que ouviu dos mais velhos, como essa:

“Aí, no fundo, nesse Córrego Espinho, tinha um monjolo. Então, num domingo, o coronel Marques Rodrigues mandou o escravo pôr água no monjolo, pra ele funcionar. Mas, a cada batida, saía um gemido: Ai, que não posso mais! Assustado, o escravo correu ao coronel e contou que o monjolo estava falando. Bravo e sem acreditar, o coronel mandou o capataz conferir o que estava acontecendo. O homem chegou lá e a voz continuava: “Ai, que não posso mais”. E foi contar ao patrão. Horrorizado, o coronel nunca mais mandou pôr o monjolo pra funcionar no domingo.”

“É assim a vida da gente. Agora, tem orgulho de ser quilombola. Reviver o que a nossa gente viveu, mas sendo livre, tendo um saber profundo de ser, de muita história e muita cultura.”



# FLORES NO CAMINHO DOS TROPEIROS

SITUADO NO DIVISOR DE ÁGUAS DOS RIOS JEQUITINHONHA E PARAÚNA, A 1.100 METROS DE ALTITUDE, O MUNICÍPIO DE PRESIDENTE KUBITSCHEK TEVE FORTE ATIVIDADE GARIMPEIRA. NO SÉCULO 19, ERA CONHECIDO COMO POUSO ALTO DE DIAMANTINA, POR SER USADO COMO PARADA DE DESCANSO DE TROPEIROS. HÁ VÁRIAS DÉCADAS, A COLETA E O ARTESANATO COM FLORES NATIVAS E FRUTOS DO CERRADO TORNARAM-SE UMA FONTE DE RENDA VITAL PARA OS QUILOMBOLAS.

## RAIZ

Na comunidade são conhecidas mais de 90 espécies de flores do campo, entre elas a sempre-viva propriamente dita e o capim dourado. Somam-se mais de 100 tipos de frutos do cerrado. Essa é a matéria-prima de adornos domésticos, buquês, bijuterias, potes e outros artefatos. Essa atividade agregou renda aos quilombolas, que antes vendiam apenas as flores in natura. A presidente da associação local, Erci Ezerda Alves Ferreira, presidente da associação local, lamenta, porém, as ameaças que pairam sobre as espécies nativas.

“As plantações de eucaliptos para as carvoeiras e de brachiaria para o pastejo do gado ocuparam áreas onde antes as flores eram abundantes. Esse uso

da terra também secou muitas nascentes, o que prejudica as flores, pois a maioria depende de solos úmidos”, explica Erci.

Ela lembra de um sítio chamado Capão Redondo, hoje totalmente tomado pelos maciços de eucalipto. “Lá era fonte de renda não só para o povo de Raiz, mas para muitas outras comunidades. Era uma terra comum, onde todo mundo podia entrar.”

A mais velha das filhas vivas do fundador Geraldo Ferreira, Maria Efigênia, hoje com 83 anos, recorda que as sempre-vivas surgiram como uma esperança de liberdade em relação à semiescravidão do garimpo. “Era um serviço muito duro e quase nunca rendia dinheiro.”





O povoamento começou com a chegada do casal Geraldo e Cecília Ferreira, com três filhos pequenos. A família descendia de um clã antigo da comunidade de Espinho, em Gouveia. Conhecido como Geraldo Carreiro, por conduzir um carro de boi como meio de sustento, o patriarca é chamado de Pai Veio pelos descendentes, atualmente na quarta geração. Faleceu há menos de uma década com 101 anos de idade. A despeito das dificuldades econômicas, o êxodo de moradores é quase nulo.

Dominada pela bela fisionomia da Serra do Espinhaço, Raiz ganhou o nome, na versão mais acreditada entre os moradores, da repe-

tida menção a uma grande raiz de árvore que servia de referência a um ponto apreciado por tropeiros para montar acampamento.

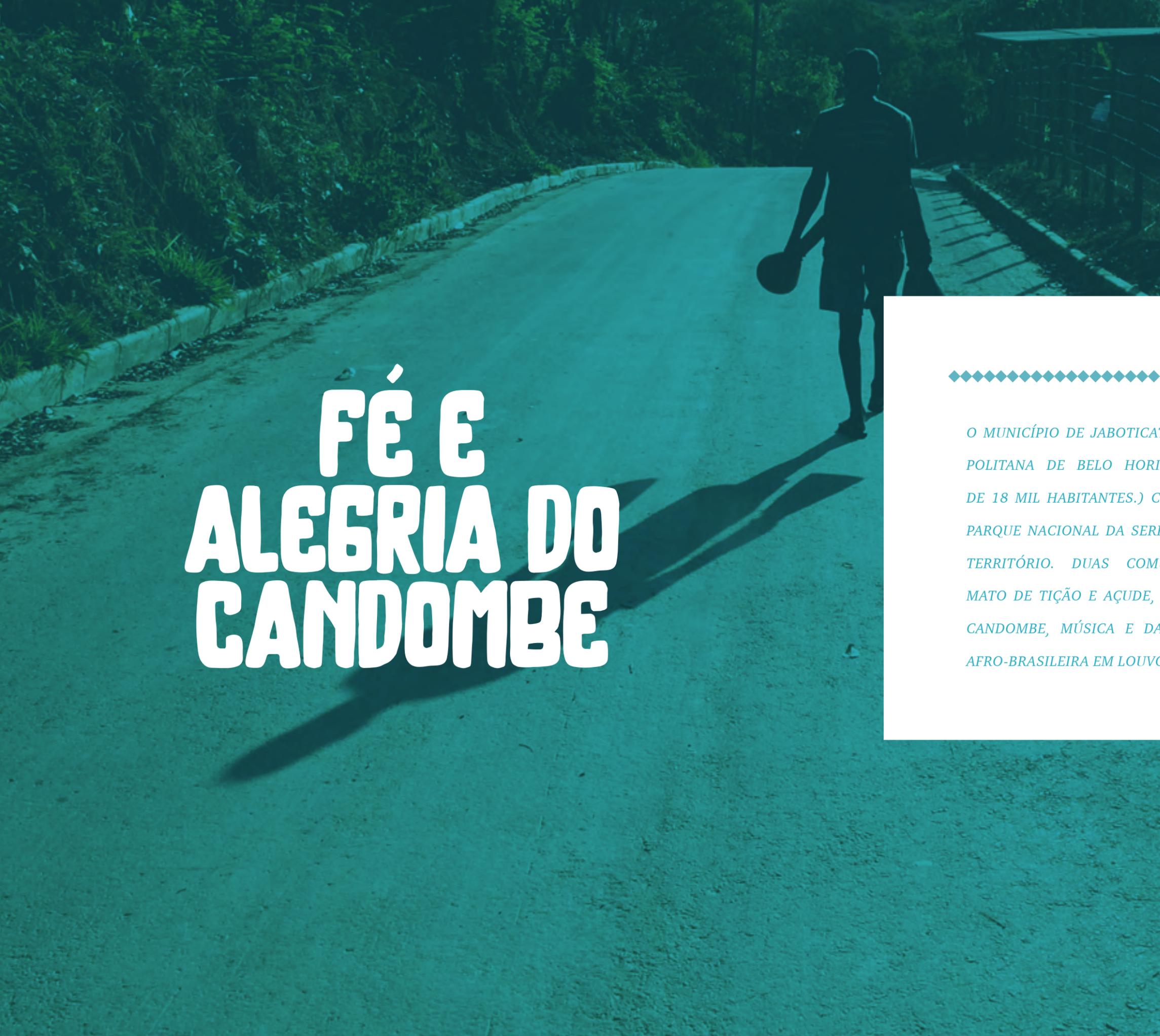
Da tradição dos quilombolas de Espinho, os Ferreira conservaram o apego às plantas. Os quintais das casas, invariavelmente, têm árvores frutíferas, muitas flores e hortas.

Mas estabeleceu-se um marcado dissenso na fé. Enquanto o catolicismo segue incólume entre os parentes de Gouveia, em Raiz os moradores se converteram quase que integralmente ao credo evangélico. O templo da Congregação Cristã do Brasil é o único do lugar.









# FÉ E ALEGRIA DO CANDOMBE

---

*O MUNICÍPIO DE JABOTICATUBAS, NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE, (TEM EM TORNO DE 18 MIL HABITANTES.) CERCA DE 80% DA ÁREA DO PARQUE NACIONAL DA SERRA DO CIPÓ ESTÃO EM SEU TERRITÓRIO. DUAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS, MATO DE TIÇÃO E AÇUDE, GUARDAM A TRADIÇÃO DO CANDOMBE, MÚSICA E DANÇA DE ANCESTRALIDADE AFRO-BRASILEIRA EM LOUVOR A SENHORA DO ROSÁRIO.*

## MATO DE TIÇÃO

A comunidade se ressentia das demoras desde que, nos primeiros anos de vigência da Lei Áurea, a escrava liberta Constantina Augusta dos Santos, a Tança, se instalou nas cercanias. A eletricidade chegou em 1986 e a rede de água tratada apenas em 2019.

Sobrinho bisneto de Tança, Lindomar João dos Santos explica que a sobrevivência da população atual de 127 pessoas foi forjada na solidariedade. E as manifestações culturais dos antepassados, abraçadas pelas consecutivas gerações, se tornaram um cimento para a permanência no território, tendo como princípio o profundo respeito aos mais velhos.

É com essa reverência que a atual matriarca, Divina Siqueira Pinto, 89 anos de idade em 2019, é apontada como fon-

te de inspiração para os descendentes por sua força espiritual e conhecimento dos segredos curativos das rezas e plantas.

Da mesma forma, o irmão de Divina e atual patriarca, Dante Isaías de Siqueira, com 96 anos em 2019, é citado como personagem essencial da comunidade, mesmo quase surdo, as pernas fracas e com dificuldade de articular passagens da vida puxadas da memória vacilante.

Para todos, trata-se do eterno capitão de candombe, a máxima expressão simbólica da comunidade. É esse líder que abre e fecha as celebrações, introduz versos e admite as réplicas, guardião que é das regras de procedimento ritmadas pelo batuque dos três tambus. Enquanto viver, os substitutos se negarão a assumir o título de capitão.





Dos mais novos irmãos do capitão Dante, Silvio de Siqueira, o Badu, conserva, aos 83 anos de idade, memória e vitalidade surpreendentes para quem começou a trabalhar aos 7 anos guiando juntas de bois na aração dos campos. Dirige seu próprio carro no caminho entre a casa, no núcleo urbano de Jaboticatubas, e uma chácara que comprou nas imediações de Mato de Tição.

No meio da conversa, atende ao celular uma neta, que lhe pede para levar verduras. Acolhe com um sorriso o pedido da moça, integrante da numerosa geração dos 48 netos dos 17 filhos de Seu Badu.

Candombeiro animadíssimo, ele dança e canta nas festas de santos. “Só não tenho força mais para a Folia de Reis, porque o rit-

mo é pesado”. Na chácara, além da horta, cultiva ervas medicinais e árvores frutíferas. “Tudo orgânico, sem nenhum produto químico”, faz questão de dizer. É também respeitado preparador e receitador de remédios caseiros, que conhece das plantas e raízes dos morros e chapadas do Espinhaço.

Tanta perseverança esbanjada pelos três irmãos anciões desvenda em boa parte o segredo da permanência da cultura quilombola em Mato de Tição, ancorada agora em jovens e adultos convertidos, por necessidade, em trabalhadores da construção civil, agentes de saúde, vigilantes, professores e outras profissões tipicamente urbanas.





## PONTINHA

Depois de uma longa trajetória no congado, Euler Moreira, de 71, congregou na Assembleia de Deus, antes de migrar para a Igreja Maranata, da qual é pastor. A devoção aos santos e a Maria não têm lugar entre os evangélicos, mas Euler é, sobretudo, querido, respeitoso e líder incontestado na Pontinha. Talvez essa condição seja favorecida pelos 12 filhos e 50 netos.

Bastou uma volta pelos bares e barraquinhas da Festa do Rosário para constatar a liderança desse bom e alegre contador de histórias, que está sempre à frente das lutas do povo da Pontinha por melhores condições de vida. Foram muitos pedidos de bênção, abraços e apertos de mão, a começar pelo irmão Afrânio, o congadeiro mais velho da comunidade.

Euler é referência quando se trata do processo de titulação do território, que tramita no Inbra desde 1998, assim como da autodefinição quilombola, certificada pela Fundação Palmares em 2004. Há indícios de que a ocupação da Pontinha tenha se dado ainda durante a escravidão.

Mais recentemente, assumiu a tarefa de liderar a busca de reparações pelo rompimento da barragem de Córrego do Feijão, em Brumadinho. O rio Paraopeba é um dos limites do território e sempre foi fonte de renda importante para a Pontinha, uma das mais populosas comunidades quilombolas de Minas, com estimados 3 mil habitantes.



# QUILOMBOLAS NA UNIVERSIDADE

COM POUCO MAIS DE 6 MIL HABITANTES, O MUNICÍPIO, A 500 QUILÔMETROS A NORDESTE DE BELO HORIZONTE, OURO VERDE DE MINAS TEM UMA EXPRESSIVA POPULAÇÃO NEGRA, O QUE SE TRADUZ NAS CINCO COMUNIDADES RURAIS QUILOMBOLAS COM ESTREITOS LAÇOS DE ASSOCIATIVISMO, QUE SE FORMARAM COM A MIGRAÇÃO A PARTIR DE ENCLAVES PRETOS MAIS ANTIGOS DA REGIÃO E DO SUL DA BAHIA. A AVIDEZ PELO CONHECIMENTO LEVOU 150 QUILOMBOLAS AO ENSINO SUPERIOR.

## SANTA CRUZ

Na mais numerosa comunidade quilombola do município, com mais de 100 núcleos familiares, sete jovens mulheres, sendo cinco graduadas em universidades federais, se juntaram para criar a Kilombu Modas. Inicialmente, a ideia era customizar

camisetas, com adornos de temática afro-brasileira. Depois, evoluíram para peças inteiras, como saias e vestidos. Josyane Vieira de Souza explica que não se trata de meramente uma alternativa de geração de renda.



“Primeiro, tinha a vontade de permanecer, depois da universidade, fazendo algo de que gostássemos aqui. Mas pensamos em uma iniciativa cultural, social, que viesse ajudar as outras mulheres, trazer esperança para elas. Isso numa perspectiva de autonomia, autoestima, valorizando um estilo próprio de roupa, de cabelo.”



Em outubro de 2020, as jovens se cotizaram para comprar as primeiras dez camisetas e os tecidos necessários. Têm participado de feiras regionais e vão tentando abrir uma picada de vendas pela internet, ainda de maneira informal.

Essa injeção de ‘sangue novo’ teve outros efeitos positivos. Promoveu, por exemplo, a revitalização do Batuque, uma dança/canto ancestral guiada por tambores e instrumentos de corda, que voltou a mobilizar velhos, jovens e crianças no Santa Cruz.

## ÁGUA LIMPA

David Neres dos Reis tentou por duas vezes fazer um curso superior, durante períodos de migração temporária para a Região Metropolitana de Belo Horizonte e a cidade de Franca, em São Paulo. De volta à terra, o sonho foi novamente embalado durante o processo de autodefinição da comunidade quilombola por meio da Fundação Cultural Palmares. Então, ele ingressou aos 35 anos de idade na Universidade Federal de Viçosa.

O envolvimento com essa mobilização determinou a escolha da trajetória familiar como tema do trabalho de conclusão de curso, remontando aos tempos em que o avô adquiriu um pedacinho de terra em troca de uma porca e que a produção de uma semana nas lavouras, levado a cavalo, era trocada por um litro de sal na feira de Teófilo Otoni.

Originário de uma das famílias pioneiras na Água Limpa, o presidente da associação local, Adão Dias dos Santos, aposta alto na contribuição dos jovens estudantes e graduados para o desenvolvimento local.





“Chamei para conversar, mostrando que o conhecimento que aprenderam pode nos ajudar a montar projetos, buscar recursos. E o bom desse curso é que encoraja esses moços a valorizar o seu lugar e a origem quilombola. Sem esse orgulho, a comunidade pode se acabar.”

## CARNEIRO

Edilson Barbosa da Silva é um operoso agricultor da comunidade. Na pequena propriedade, produz leite, hortaliças e frutas, como o maracujá.

Ele faz parte de um incipiente sistema de cooperação entre os quilombolas de Ouro Verde de Minas. O armazenamento e o resfriamento do leite são feitos em instalação comunitária de Santa Cruz.

Agora, o projeto avança para a formação de uma cooperativa regional para compra de insumos e comercialização de gêneros alimentícios cultivados sem agrotóxicos.

Carneiro já pode dar sua contribuição com a fábrica de rapadura comunitária, que está em pleno funcionamento há alguns anos,

explica José Aparecido Luiz Lima. Ele é o primeiro graduado em Licenciatura de Educação no Campo, de um grupo de 16 jovens da comunidade que ingressaram em universidades federais nos últimos 10 anos.

José Aparecido argumenta que o cooperativismo dará escala e organização para uma série de atividades econômicas e poderá romper o ciclo de dependência de programas sociais como as aposentadorias rurais e o Bolsa Família.

A união no campo simbólico ajuda. Há vários anos, as cinco comunidades comemoram conjuntamente, com rodízio anual, o Dia da Consciência Negra. Cada uma contribui com comida e parte da organização da festa.



## ÁGUA PRETA DE BAIXO

Ela se considera uma Xica da Silva. “Nasci em família de empregados e casei com o filho do fazendeiro”, conta zombeteiramente Marinalva Rocha dos Santos, conhecida como Dona Nega Pretinha, apelido que adora porque foi dado pelo pai. Essa é apenas uma faceta da mulher de 56 anos, presidente da associação quilombola local pelo terceiro mandato consecutivo. Mas é a chave da curiosa miscigenação que marcou os primórdios de Água Preta de Baixo.

Marinalva descende de antigos moradores de Salineiros, comunidade quilombola de Ataleia, que migraram para Água Preta de Cima.

Santa Bramante chegou da Itália, com 12 anos de idade. Casou-se com o preto Ramiro. O filho mestiço do casal comprou terras dos

Marcianos, pretos, em Água Preta de Cima. Veio a ser o sogro de Marinalva.

Sem rancores, mas sem esquecimentos, resume Marinalva. “Posso dizer que minha mãe era escrava. Trabalhava em troca de comida. Quando era pequena, me chamavam pela vizinhança de nega fubá fedorenta, urubua, anu preto, essas coisas. Sofri muito. Mas me afirmei na minha sabedoria. Fui uma das poucas meninas daquela época a ler e escrever por aqui.”

Ela se tornou, de fato, guardiã de saberes tradicionais. Comanda a Folia de Reis, sendo autora de mais de 60 versos, sendo muito autorais. No terço, canta cinco entonações diferentes da Salve Rainha e é benzedeira.



## ÁGUA PRETA DE CIMA

A comunidade é a mais remota de Ouro Verde de Minas, não só pelos 15 quilômetros da sede do município, mas, principalmente, pelas condições da estrada de terra, bastante íngreme em certos trechos. Por isso, Água Preta de Cima, mais do que as demais comunidades, remete à saga dos quilombolas que migraram para o atual município de Ouro Verde de Minas, buscando terras que não interessavam a ninguém na virada do Século 19 para o Século 20.

Aguinaldo Barbosa de Oliveira é um exemplo dessa resistência, que, nos primórdios, significou sobreviver em situação de penúria alimentar, combatida com plantações de inhame, extração de palmito e a caça. Uma viagem para Teófilo Otoni, a 50 quilômetros, para vender o excedente das lavouras durava três dias, ida e volta.

Hoje ele cultiva açafrão-da-terra, também conhecido como cúrcuma, inhame e frutas no pequeno sítio, além de criar animais, seguindo o modelo tradicional de produzir em casa a maior parte dos alimentos.

Por isso, impressiona a vitalidade dos moradores, mesmo em idade avançada. Aos 83 anos de idade, Júlio Esteves da Silva, o Júlio de Quitéria, campeia, a cavalo, o gado de sua pequena propriedade pelas trilhas da região. Parte de suas terras estão no Córrego Grande, uma espécie de desfiladeiro paradisíaco entre rochas de graníticas, na divisa entre Ouro Verde de Minas e Ataléia.







## MENDONÇA

Dormelina de Oliveira Silva, a Lina, usa lenços coloridos da mesma forma, desde a infância: torce uma ponta comprida do tecido à frente da cabeça e depois vai enrolando a tira até formar uma espécie de coque saliente, um pouco acima da testa. Ela diz que não ligava o hábito, tão corriqueiro, a nada significativo na sua vida, mas mudou de ideia. Convenceu-se de que é um componente da cultura de seu povo.

E, depois de décadas trabalhando duro na roça, Lina tomou gosto por trabalhos manuais, mais delicados. De algum lugar da sua memória resgatou o cipó-são-joão, normalmente usado para amarração de cercas e paredes de pau-a-pique, dando-lhe outra serventia.

Colhe a matéria-prima nos matos do Mendonça e faz uma trama com os fios grossos ainda verdes, criando variadas peças que leva para vender na cidade, ao natural, pintados ou envernizados.

Aprendeu também a fazer pequenas bonecas com massa, todas negras, com roupas e adornos quilombolas, que parecem imitar o próprio corpo.









# A CULTURA QUILOMBOLA DIALOGA COM A CIDADE

.....

*O INÍCIO DA POVOAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SANTA LUZIA SE DEU NOS ÚLTIMOS ANOS DO SÉCULO 17, SENDO IMPULSIONADA PELA DESCOBERTA DE OURO E A ABERTURA DE GRANDES FAZENDAS, COMO A SESMARIA DE BICAS E AS TERRAS DO CONVENTO DE MACAÚBAS, QUE DELIMITARAM O LOCAL DE ESTABELECIMENTO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE PINHÕES, UMA DAS MAIS NUMEROSAS DE MINAS, COM CERCA DE 400 FAMÍLIAS.*

## PINHÕES

Ela veio de fora. Casou-se aos 19 anos com um lavrador, já falecido, de família antiga do lugar. Com dois enteados e, mais tarde, os três filhos do casamento, se viu compelida a buscar renda para dividir com o marido o sustento da casa. É assim que Vagna Rosa de Jesus, quilombola por adoção, começa a explicar o ofício de ceramista que adotou há 40 anos.

“Naquela época era muito difícil conseguir trabalho aqui para mulher. Tinha muitas artesãs de barro, mas nenhuma ensinava. Quem quisesse, tinha de aprender olhando e tentando fazer. Foi assim que comecei.

Ela busca o barro nos morros de Macaúbas. As peças são modeladas com as mãos, sem o uso de torno. Para cozê-las, o forno ainda é o que o marido escavou em um barranco do quintal.

“Enquanto meu marido aguentou, o ganho dele era muito pequeno pelos dias de serviço tirados nas fazendas. Posso dizer que tudo que tenho foi tirado do barro.”

Vagna sabe que história da cerâmica em Pinhões é muito mais antiga do que sua idade alcança. Ali, na casa do outro lado da rua, Teófilo Teles Rosa, de 80 anos de idade, atesta. O pai, Antônio Firmino Teles, era tropeiro. Com as cangalhas dos burros carregadas de panelas de barro feitas por artífices locais, ele percorria longos e precários caminhos para vendê-las. Em certas jornadas, passava dias fora de casa até esgotar a carga.





# QUILOMBOLAS IRMÃOS NA LUTA PELA PERMANENCIA

EMANCIPADO APENAS EM 1943 DE ITABIRA, A ÁREA DO MUNICÍPIO DE SANTA MARIA DE ITABIRA COMEÇOU A SER OCUPADA AINDA NOS ANOS 1700. OS ESCRAVOS VIERAM INICIALMENTE PARA A BUSCA E EXTRAÇÃO DE OURO E DEPOIS FORAM ENGAJADOS NAS GRANDES FAZENDAS DE CAFÉ E ALGODÃO. PARTE CONSIDERÁVEL DA NUMEROSA POPULAÇÃO NEGRA ATUAL HABITA CINCO COMUNIDADES QUILOMBOLAS COM FORTE APEGO À ANCESTRALIDADE E SUAS EXPRESSÕES CULTURAIS.



## MACUCO

A comunidade parece ter sido formada por quilombolas de Barro Preto (Santa Maria de Itabira) e Indaiá (Antônio Dias). A atual matriarca do Macuco, Geralda Polônia Felix, hoje com 87 anos de idade e quase cega, é filha de José Marcelino de Moraes, de Barro Preto, e de Ana Inês da Silva, de Indaiá, que vieram morar na Fazenda São Lucas. Trabalharam por décadas para o patrão na lavoura e nos fornos de carvão, bem como nas roças próprias em nesga de terra junto da casa.

“Eu mesmo comecei a trabalhar muito cedo. Com 11 anos, já lavava roupa da família do fazendeiro e ajudava na cozinha”, conta Geralda.

O pai acabou sendo forçado a migrar novamente, depois que o fazendeiro soltou cabritos para destruir os cultivos da família. Geralda ficou, já casada com Pedro de Araújo, outro migrante de Indaiá.

Ela conta que conflitos dessa natureza eram comuns, como o que atingiu a capela. Foi erguida em mutirão pelos quilombolas e abrigava também uma pequena escola pública municipal, num lote cedido em comodato por um fazendeiro. Seus descendentes, contudo, negaram-se a renovar o termo. A escola acabou e a capela de São Geraldo do Macuco teve de ser construída em outro local, doado pela diocese.

## CHAVES

A comunidade de Chaves, com cerca de 15 famílias, ocupa uma faixa entre o Rio do Tanque e a estrada para Ferros, a 5 quilômetros da sede de Santa Maria de Itabira. É também exemplo da migração e dos casamentos cruzados entre as comunidades quilombolas do município.

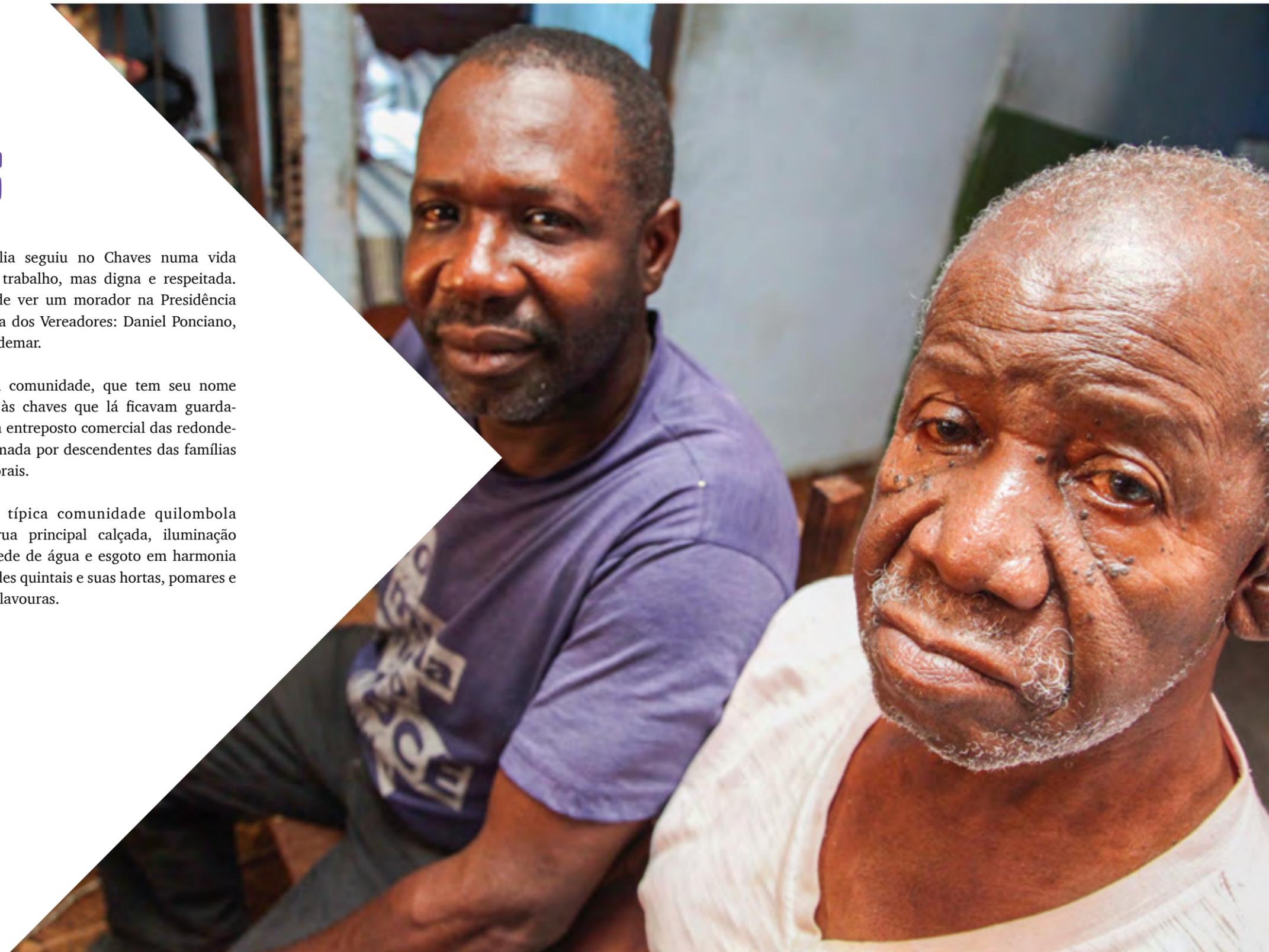
Ademar Bernardo Cruz fez, ainda jovem, uma migração forçada da comunidade de Boa Vista para o Chaves, onde foi amparado por parentes.

“Fui despejado, por ordem da Justiça, por reclamação do dono da fazenda onde plantava à terça (duas partes para o lavrador, a quem cabia preparar a terra, plantar e colher). A polícia colocou minhas coisas na estrada. Muitas se estragaram porque não tive onde guardar”, conta Ademar.

A família seguiu no Chaves numa vida de muito trabalho, mas digna e respeitada. A ponto de ver um morador na Presidência da Câmara dos Vereadores: Daniel Ponciano, filho de Ademar.

Hoje, a comunidade, que tem seu nome atribuído às chaves que lá ficavam guardadas de um entreposto comercial das redondezas, é formada por descendentes das famílias Cruz e Moraes.

É uma típica comunidade quilombola urbana: rua principal calçada, iluminação pública, rede de água e esgoto em harmonia com grandes quintais e suas hortas, pomares e pequenas lavouras.





## BARRO PRETO

Situada a cerca de 7 quilômetros da sede, é a comunidade quilombola mais numerosa de Santa Maria de Itabira, com cerca de 800 moradores, e organizada, sendo por isso referência para as demais. Disputa com Indaiá, de Antônio Dias, o título de mais antiga da região.

“Olha, os velhos contavam é que vinha um grupo andando por esses matos aqui, procurando parentes que saíram antes. Era noite fechada e viram uma luzinha. Era uma casa. O morador falou que as pessoas que estavam procurando tinham seguido caminho para o lugar onde hoje é o Indaiá. Então, já tinha gente morando aqui quando formou o Indaiá”, sustenta Antonio Luciano de Araújo, ele próprio parente de indaienses.

Depois teria vindo o escravo liberto de nome Tobias. Comprou terras e quase as perdeu, por não conseguir pagar empréstimos tomados de fazendeiros para tocar uma lavra de ouro que nunca prosperou.

A prosperidade continua longe do Barro Preto, cujas famílias vivem em boa parte da renda de aposentadorias e pagamentos do Bolsa Família, além do trabalho árduo em fazendas e da ajuda de parentes migrados para as cidades.

Antonio Luciano, hoje com 77 anos, só voltou para o Barro Preto há 11, depois de uma longa permanência em Itabira, há pouco mais de 30 quilômetros, onde trabalhou na mineração de ferro e depois como servidor público municipal até se aposentar.



Neide Gonçalves da Silva, moradora da comunidade quilombola Barro Preto, em Santa Maria de Itabira, é artista popular autodidata. Sua principal obra são pinturas em palhas secas de palmeira que ela chama de carrancas, embora todas as fisionomias exibam um sorriso, o que parece uma autorreferência. É também apiculadora, cabeleireira, planta horta para fornecer para escolas, e tem uma

vendinha cujo balcão é a janela da sala. Foi a primeira a vender chup-chup no Barro Preto quando ainda não existia geladeira na comunidade. Ela preparava a guloseima na casa do irmão mais velho, em Itabira, onde ia lavar roupa periodicamente. “Enchia uma caixa de isopor. Chegando no Barro Preto, vendia tudo em minutos. Era uma grande novidade aqui.”

*“ENCHIA UMA CAIXA DE ISOPOR. CHEGANDO NO BARRO PRETO, VENDIA TUDO EM MINUTOS. ERA UMA GRANDE NOVIDADE AQUI.”*





## BOA VISTA

Resistem no lugar descendentes de uma única família, chefiada nos primórdios da ocupação pela viúva Maria Raquel da Silva, neta do escravo Felisberto, da Fazenda Funil.

Atual morador, Antônio Diogo Filho, hoje com 69 anos de idade, conta que o pai veio dos lados de Queiroz, também na zona rural de Santa Maria, e se enamorou por Amélia Leocádia, filha da matriarca Raquel. A sogra condicionou o casamento à fixação do pretendente na Boa Vista, de modo a assumir as lavouras da família.

Descendem do casal os 11 núcleos familiares que formam a comunidade quilombola, cada um com seu pequeno terreno que se

estende da margem da estrada de terra, cruza o córrego Boa Vista e sobe um morro.

Olhando da estrada, é evidente o contraste entre os terrenos quilombolas e as propriedades vizinhas. Os ricos pomares, entremeados por mata nativa, salpicada de pequenas roças de subsistência, formam uma ilha entre grandes e degradadas pastagens.

Entre laranjeiras, mangueiras, jambeiros e amoreiras, Antônio Diogo mostra as bananeiras, a moitinha de cana, o amendoim, abacaxis, o pequeno mandiocal, as galinhas poedeiras e, é claro, a hortinha. É a herança dos tempos em que famílias pobres da zona rural tiravam quase tudo que consumiam à mesa do cultivo de seus pequenos quinhões de terra.

## SÃO PEDRO

Uma capela dedicada ao santo, com um cemitério anexo, que os moradores presumem ter mais de 100 anos, são as únicas referências palpáveis sobre a origem da comunidade e das suas festas e danças, que não mais existem.

O povoado, de aproximadamente 100 casas, muitas fechadas, é dominado por uma rua principal, sem calçamento, onde mora o patriarca, Antônio Júlio. Assim mesmo, sem sobrenome, segundo ele, por culpa do oficial do cartório. Tem 93 anos de idade, vive com a mulher, acamada, e uma filha solteira. Sobre o surgimento do povoado, nada sabe dizer.

Um pouco mais à frente, numa casinha paupérrima, Efigênia Pedro da Cruz, de estimados 69 anos de idade, consegue apenas

testemunhar sobre a vida sofrida dos quilombolas de São Pedro. Lembra-se de quando tinha 5, 6 anos de idade, e ficava presa em casa enquanto a mãe trabalhava nas lavouras de café.

Aos 7 anos, passou a ser levada para ajudar na capina e na colheita. Engravidou aos 15 anos e daí veio a imprecisão sobre sua idade real. O pai da criança, que seria 20 anos mais velho, não tinha registro de nascimento em cartório, assim como Efigênia. Para fazer o casamento, foram ao cartório fazer o primeiro documento. “Então, ele tirou quatro anos da idade dele e passou pra mim, pra que eu ficasse de maior.”



# ANDANÇAS: RESISTÊNCIA E RESGATE CULTURAL

A POVOAÇÃO DE ANTÔNIO DIAS COMEÇOU NO INÍCIO DOS ANOS 1700 POR OBRA DE AVENTUREIROS EM BUSCA DE OURO. EMANCIPADA POR DESMEMBRAMENTO DE ITABIRA EM 1911, BOA PARTE DO MUNICÍPIO TORNOU-SE O QUE SÃO HOJE AS PRINCIPAIS CIDADES DO VALE DO AÇO. O QUE RESTOU DO TERRITÓRIO, DO QUAL APENAS 0,3% CORRESPONDE À SEDE, É EMINENTEMENTE RURAL. A POPULAÇÃO QUILOMBOLA VEM DA MIGRAÇÃO DE ANTIGOS ESCRAVOS DE FAZENDAS DO ENTORNO.

## INDAIÁ

Atual matriarca da comunidade, Ambelina Araújo Cruz, com 89 anos em 2019, conta que seu sogro, João Prisco da Silva e seu tio, Leonardo de Araújo, foram os primeiros a chegar, provavelmente em fins do Século 19.

“Eles vieram de um lugar chamado Fazenda dos Gatos (Mato dos Gatos, em outra versão), para os lados de Itabira, granjeando (abrindo roças para vender a produção). Aí viram essa grota aqui e resolveram ficar. Trouxeram os parentes depois”, diz.

Ambelina conta que já era casada havia vários anos quando João Prisco se foi. Ele teria vivido, segundo ela, bem mais do que 100 anos. Lembra-se também de parentes e amigos do sogro, como Teodoro e Calixto, já velhos, comandando alegres o batuque, que, nos últimos 10 anos vem sendo revitalizado pelos moradores.

A alegria é um traço forte da comunidade, apesar das muitas dificuldades em um local pobre e isolado, como conta Perpétua Araújo, de 74 anos.

“Em casa, era lamparina de querosene. A gente começava a trabalhar criança nas fazendas, plantando cana, capinando roça, fazendo cerca, uma luta. Pra estudar, tinha de andar a pé pra Hematita (distrito de Antônio Dias). Por isso, estudou muito pouco.”



Assim como Perpétua Araújo, Maria Raimunda da Silva, de 73 anos, faz chapéus, uma arte tradicional da comunidade. São tecidos à mão, sem nenhum material além da palha de indaiá, a palmeira que dá nome ao lugar. O único instrumento é um molde, esculpido em madeira de barbatimão, levíssima, usado de quando em quando apenas para conferir a curvatura e as dimensões da copa.

O processo inteiro de fabricação é trabalhoso e demorado. As folhas do indaiá são colhidas verdes, postas pra ferver e, por fim, são necessários dois dias de sol firme para secar e clarear a palha.

Faz-se uma longa tira tecida com pontas salientes para a costura, que as chapeleiras chamam de trança. Ela vai sendo enrodilhada e costurada em anéis até fechar o chapéu, copa e aba.

Maria Raimunda diz que chega a levar um dia inteiro para fazer uma trança. Se parar por aí e vender para outras chapeleiras, vai ganhar R\$ 2,50. Já o chapéu pronto costuma ter preço de R\$ 20 a R\$ 30. “As pessoas usam pouco hoje. Por isso só tem saída nas festas.”









# A LUTA CONTRA A INVISIBILIDADE

---

*SITUADO NO ENTORNO DA ANTIGA REGIÃO MINERADORA DE OURO E DIAMANTES DO SERRO, SABINÓPOLIS RECEBEU NO SÉCULO 19, PRINCIPALMENTE, UMA MIGRAÇÃO EXPRESSIVA DE ESCRAVOS E LIBERTOS, ENVOLVIDOS NA BUSCA DE OURO NA PORÇÃO NORTE DA BACIA DO RIO DOCE, BEM COMO NA TENTATIVA DE SE FIXAR COMO AGRICULTORES. HOJE, SEIS COMUNIDADES DETÊM O CERTIFICADO QUILOMBOLA DA FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, OBTIDO COM FORTE MOBILIZAÇÃO DOS MORADORES.*



## SESMÁRIA

Maritana Guimarães Miranda associa a condição quilombola à trajetória de vida da mãe, Alairdes, hoje com 79 anos de idade. “Ela virou chefe de família, com 7 filhos, ainda moça, porque meu pai nunca foi de encarar a responsabilidade e era meio doente.”

Assumir esse papel significou para Alairdes trabalhar de sol a sol em fazendas alheias e nas roças do pequeno terreno de posseira. E pôr, a contragosto, as meninas e meninos para entrar cedo no trabalho, mal completavam 7 anos de idade.

A ponto de a filha mais velha, Márcia, se tornar o arrimo da família, quando, aos 15 anos, se empregou como doméstica em uma fazenda, recebendo salário fixo.

Enquanto isso, a mãe seguia no trabalho duro. “Lembro dela chegando em casa sufocada com os pelos de capim que entravam pela boca e o nariz quando apanhava sementes para o fazendeiro.”

A matriarca teve algum descanso ao se aposentar aos 56 anos de idade. Aos 59, passou a receber a pensão de viúva, 9 anos depois da morte do marido.

E só agora Maritana vai poder deixar a casa da mãe, onde criou sozinha as gêmeas de 15 anos e o caçula de seis. Com muita dificuldade, a casa, em construção do outro lado da estrada, está ficando pronta.

Luís Apolinário Gonzaga saiu da comunidade rural de Sesmária, em Sabinópolis, aos 27 anos de idade, pouco depois de se casar. Teve tempo de assistir às folias de reis e ternos de Congado que eram comuns naquelas terras. O pai e o avô foram festeiros, organizadores das festas em devoção a santos católicos em que a sonoridade dos tambores era incrementada por violas e cavaquinhos, que animavam os cortejos e as danças. Ele amava essa tradição, mas tomou o caminho de Belo Horizonte, onde se tornou pedreiro para sustentar a família.

Em uma noite de saudades da terra natal, Luís construiu o primeiro instrumento, um cavaquinho. Não parou mais. Fez violas, violões, bandolins, violinos e craviolas.

De memória, também moldou caixas de percussão e pandeiros usados nas folias. Já às portas da velhice, voltou para Sesmária onde vive só numa casa rústica no terreno onde nasceu. Os músicos que apreciam seus instrumentos o procuram cada vez mais raramente. Um deles encomendou uma craviola faz anos e não foi buscar.

Aos 89 anos de idade, Luís avisa que agora está parando, por causa das limitações do corpo. Lamenta que as folias de reis não aconteçam mais.

“Isso aqui era um quilombo de verdade. Acho que está acabando, será?”





## SÃO ROQUE

Entre morros povoados de mulungus que explodem o escarlate de suas flores na primavera, estão as comunidades geminadas de São Roque e Santa Bárbara. Descendente de família antiga do lugar, Reginaldo Pereira Costa é agricultor tradicional. Planta o milho que transforma em alimento para o gado e as galinhas, a mandioca para a farinha, e as verduras e legumes. Alimentos que a família consome e vende.

Determinado e carismático, Reginaldo foi além. É um líder regional no processo de organização das comunidades quilombolas. Eleito em 2007 para a presidência do Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável, ele organizou naquele ano o primeiro encontro cultural de comunidades quilombolas que proximamente terá sua oitava edição anual. E, em 2016, elegeu-se vereador.

“Enfrentamos dificuldades de mobilização, principalmente pela descrença nas comunidades sobre o benefício de se reconhecerem como quilombolas. Muito pela falta de políticas públicas para essa população. Mas avançamos. Acredito que em Sabinópolis a tomada de consciência quilombola não tem volta.”

## QUILOMBO

O distrito de Quilombo, conhecido antigamente como São José de Quilombo, foi a mais recente comunidade quilombola certificada pela Fundação Cultural Palmares no município de Sabinópolis. O diploma expedido em 2018 consolida na esfera federal uma condição que remonta a uma lei do município sancionada em 1950.

Relatos de anciões e anciãs, hoje falecidos, fundamentaram a certifi-

cação. Trazem, por exemplo, a história contada por antepassados sobre um sítio conhecido como Caveira, ou Caveiras, onde foram expostas as cabeças de escravos refugiados que vendiam ouro extraído nos córregos que engrossam o rio Guanhões. Teriam sido alvo de uma expedição repressiva da força policial do Serro, então denominado Vila do Príncipe.





# UMA EXPLOSAÇÃO DE CORES E RITMOS

UM DOS MUNICÍPIOS MAIS ANTIGOS DE MINAS, O SERRO TORNOU-SE COMARCA EM 1720. O CENSO DE 1872 O APOSTOU COMO O MAIS POPULOSO DE MINAS, MUITO À FRENTE DA ENTÃO CAPITAL OURO PRETO. ESSA VITALIDADE DEVE MUITO À POPULAÇÃO NEGRA, QUE CHEGOU COMO MÃO DE OBRA ESCRAVA NO AUGE DA EXTRAÇÃO DE DIAMANTES E OURO. NO SEIO DA SERRA DO ESPINHAÇO, ESSES QUILOMBOLOS SÃO RESPONSÁVEIS IGUALMENTE PELA RIQUEZA DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS QUE PRESERVAM A DURAS PENAS.

# BAÚ

Há cerca de 30 anos, Luiz Gonzaga Costa foi 'iluminado' pelo sogro, Laurindo, e pelo tio, Sebastião, antigos mestres, para assumir o posto de carinjinjim do grupo de Catopê, uma manifestação que pode ser traduzida a grosso modo como um complexo de música, poesia e dança em louvor a Nossa Senhora do Rosário, protetora dos pretos.

Cabe ao carinjinjim preparar e servir a bebida ritual, de raízes e ervas, no início e nos intervalos da procissão do Rosário, em Milho Verde, e assumir o comando, na falta do mestre.

“É para evitar que algum mal aconteça durante a festa com as pessoas do Catopê. A gente chama de batizar. Um pinguinho pra cada um. Tem gente que bebe, outros só colocam na ponta da língua ou passam nas fontes da cabeça”, explica.

Raízes de jurema, cangussu branco, caboclinho do campo, um pedacinho de folha de guiné, gengibre e cachaça. Eis, resumidamente, a composição básica da bebida. Mas tem segredos no preparo que só a 'iluminação' dos antepassados e a devoção à Nossa Senhora do Rosário podem revelar, adverte o carinjinjim.



Com uma composição de 12 pessoas na Festa do Rosário de 2019, o Catopê, que agrega moradores da vizinha comunidade de Ausente, míngua por causa do desinteresse, da migração dos jovens para cidades maiores, e da falta de apoio oficial.

Sucessivos acadêmicos brasileiros e estrangeiros estudaram o Catopê desde a década de 1930, identificando no grupo de Baú e Ausente a permanência nos cantos de palavras e expressões da língua banta, africana. Um dos responsáveis por essa difícil preservação é Ivo Silvério da Rocha - mestre, patrão ou chefe - do Catopê de Baú e Ausente.

“Está acabando, infelizmente. Está cada vez mais difícil encontrar jovens que continuem a tradição”, diz Seu Ivo, que, com o auxílio de uma muleta, ainda conduz o grupo pelo piso acidentado das ruas de Milho Verde.





Por causa da conversão à fé evangélica, parte da comunidade não segue mais o ritmo do Catopê, como o casal Vera e Jurandir Paulino, que estão à frente atualmente da Associação Quilombola. Mas a boa convivência com os católicos é costurada em favor da preservação dos modos de vida tradicionais e da busca por alternativas de renda.

A mais recente deles é um conjunto de salas, em fase final de acabamento, onde moradores do Baú processam e envazam mel e própolis,

graças a um projeto de extensão da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM).

Em uma outra construção, reformada há pouco, homens e mulheres costuram e bordam inspirados na vida quilombola. Produzem camisetas, saias, bolsas e colchas que mimetizam as cores vivas das montanhas do lugar.

*ELOISA MARINELIA COSTA É UMA DAS BORDADEIRAS MAIS OPEROSAS DA COMUNIDADE E INTEGRANTE ATIVA DA ASSOCIAÇÃO. ELA ENALTECE O TRABALHO COLETIVO QUE SE DESENVOLVE NA ENTIDADE. O BORDADO E A COSTURA, PARA ELA, TORNARAM-SE UM FATOR DE UNIÃO PARA OS QUILOMBOLAS DE BAÚ.*

## AUSENTE

Aos 38 anos de idade, José da Conceição Brandão exerce os saberes das benzeções que herdou da mãe, Maria Floriza, e da avó, ainda viva, Tereza, a Teté. Cura vento virado, espinhela caída, olho gordo. Parte das garrafadas de raízes e folhas de que se vale no ancestral ofício podem ser encontradas nas prateleiras do bar Cantinho do Céu, na comunidade de Ausente. José, conhecido como Gordo a despeito da esguia silhueta, abre diariamente o estabelecimento no fim da tarde, depois das jornadas de trabalho fora de casa. É pedreiro, pintor e carpinteiro.

**“É preciso fazer de tudo um pouco para sobreviver, porque aqui não se encontra trabalho seguro e fixo”, explica Gordo.**

Nos fundos do bar, tem um quartinho. É a sua morada. Num canto da cozinha, ele acumula as raízes e folhas. Vai mostrando e nomeando: cipó caboclo, dom bernardo, cervejinha do campo, cipó trindade, caroba, capim são José... “Tem remédio pra tudo”, garante.





# UM GRANDE QUILOMBO EM FORMA DE CIDADE

EM UM PAÍS COM MAIS DE 80% DAS PESSOAS EM ÁREAS URBANAS, O MUNICÍPIO DE CHAPADA DO NORTE DESTOA COM CERCA DE 60% DA POPULAÇÃO NO MEIO RURAL. IGUALMENTE SE DESTACA POR TER APROXIMADAMENTE 90% DE NEGROS OU PARDOS DECLARADOS ENTRE OS 15 MIL HABITANTES E UMA DEZENA E MEIA DE COMUNIDADES QUILOMBOLAS, ORIGINÁRIAS DA EXPANSÃO GEOGRÁFICA DA MINERAÇÃO DE OURO PARA O ALTO/MÉDIO JEQUITINHONHA NO INÍCIO DOS ANOS 1700.

## GRAVATÁ DE BAIXO

Como é regra na região, a comunidade é marcada pela migração sazonal para o corte de cana-de-açúcar, principalmente. O marido de Eva Fernandes Barroso fez 25 safras. Ela ficava em casa, na comunidade Gravatá de Baixo, a maior parte dos anos, cuidando da filharada. Teve 12.

Uma amiga tecia sacolas e bolsas em palha de milho. Eva se interessou, aprendeu, mas lhe faltava a forma. Uma sobrinha lhe ofereceu o molde em madeira que possuía. Aceitou em troca de uma galinha. Começou assim, lembra a hoje viúva Eva.

A primeira forma está pendurada na parede da casa. Ela aviou várias com marceneiros de Chapada do Norte. Reveste também cadeiras,

bancos, namoradeiras, constrói porta-joias e outros artefatos.

“O Antônio não gostou. Dizia que eu ia acabar enrolada como aquelas palhas. Não abaixei a cabeça. Foi meu começo de renda. Pagava o sindicato, a associação. Pra quem é trabalhador rural, isso é importante. A gente busca lá uma orientação, um apoio, se junta pra conversar”, diz Eva.

Ela se desculpa pela casa desarrumada. É que saiu cedo para capinar a roça de milho que plantou. Rotina do tempo das águas, fim de ano. Às terças-feiras, Eva estabeleceu outra rotina: lavoura de manhã e arte em palha à tarde, só que com um grupo de mulheres que reúne na cozinha.





José Antônio Neto não tem safras para contar. Esteve por duas temporadas, cerca de dois anos no total, empregado como servente de pedreiro na Região Metropolitana de São Paulo. Não se adaptou e refluuiu definitivamente a Gravatá de Baixo. Quando criança, via a mãe tecendo palha e aprendeu. O trabalho em couro bovino, comprado em açougues, foi recriado pelos moradores. Passaram a trançar tiras para revestir mobiliário.

“Quando chegou a luz, em 2003, passamos a dividir melhor o trabalho nas roças com o artesanato. Podíamos tecer um pouco à noite. É uma atividade que favoreceu a organização das comunidades de Chapada do Norte. Principalmente depois que conseguimos o reconhecimento como quilombolas. Aí, tendo uma

identidade, ganhamos força para buscar melhorias para os moradores”, reflete Neto.

No quintal, ele mostra um dos projetos que espera ter novos recursos para ser replicado em mais moradias. É um grande terraço inclinado de lajes de pedra que direciona água das chuvas para uma caixa de 58 mil litros. Uma parceria entre o sindicato dos trabalhadores rurais e uma entidade católica garantiu a construção de três sistemas desse tipo em Gravatá de Baixo.

“Isso pode garantir o cultivo de frutas e hortas. O que falta é água. A terra é boa e sabemos cultivar.”













MAIS  
COMUNIDADES

## AÇUCENA

*CÓRREGO DO MONJOLO/CÓRREGO DO MATO/CÓRREGO ALTO*

As três comunidades têm a mesma origem, superpostas à antiga fazenda Itaipava, onde, segundo relatos de antigos moradores, houve mão de obra escrava submetida a jornadas extenuantes e castigos físicos. Ficam a cerca de 30 quilômetros da cidade por estrada de terra íngreme. Alguns quilombolas ainda se lembram dos tempos em que o único acesso à cidade era uma trilha de carros de boi. Certificadas pela Fundação Cultural Palmares em 2018.

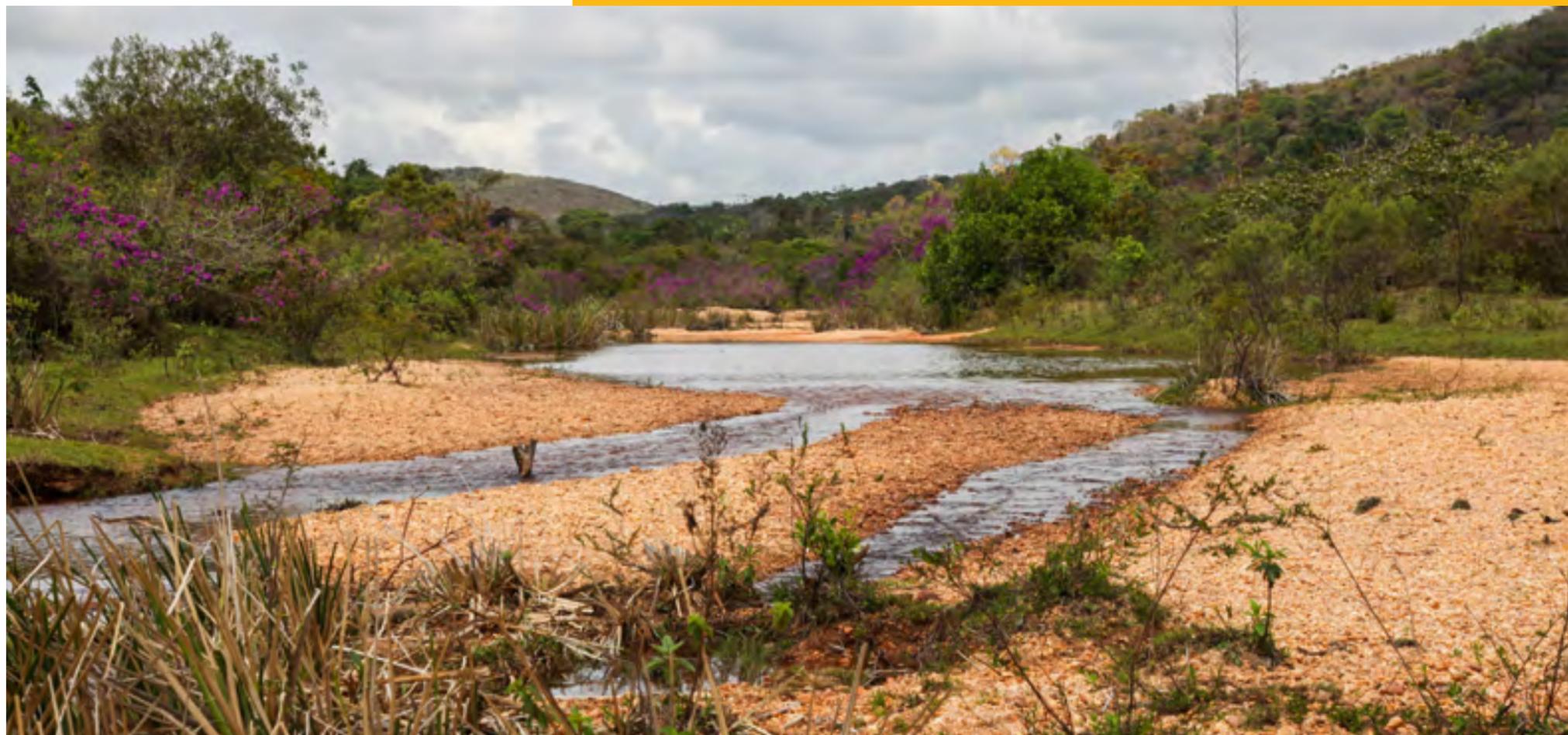
## ANGELÂNDIA

*SANTO ANTÔNIO DOS MOREIRAS/FANADINHO/CANOAS*

Rita Moreira Lopes Pereira, de 76 anos, contou a história às professoras da escola local. Virou peça de teatro que os alunos passaram a encenar. Começa com a morte do bisavô de Rita, Plumário. Os primeiros descendentes, Luiz, Supero e Roberto tinham medo dos bugres (indígenas). Andando pelos matos, encontraram uma diminuta imagem de Santo Antônio dentro de um forno escavado em cupinzeiro. Convencidos de que era um bom sinal, instalaram o ícone em casa. Desde então, os bugres desapareceram das redondezas. Os Moreiras acharam por bem erigir uma capela. Trouxeram de Minas Novas um sino e um tronco grosso de pau d'óleo para sustentá-lo. E formaram a marujada para dançar no dia do santo.

*ALTO DOS BOIS/BARRA DO CAPÃO/CÓRREGO DO ENGENHO*

Eram terras dominadas por Dona Carlotinha e Pedro Duarte, donos de escravaria numerosa, pretos que vendiam, compravam ou alugavam em transações com Padre Barreiro da Bem Posta (Minas Novas) ou a Dona Feliciano, de Santo Antônio do Fanado. Havia lavouras, mas o objetivo maior era o ouro dos rios e ribeirões. O Fanado e seus afluentes, que drenam essa vasta área, eram o principal foco da mineração. Teria ganhado esse nome porque, quando o metal começou a escassear, os escravos diziam: 'hoje, o ouro deu falhado'. Se a leve mudança de letras não for suficiente para explicar, basta o significado: fanado é algo que perdeu o viço, murchou.



## ATALÉIA

*SALINEIROS*

14 quilômetros da cidade, é uma das mais antigas povoações quilombolas do Nordeste de Minas Gerais. A comunidade está hoje confinada numa área de chapada, com escassez de água, em meio a grandes florestas de eucaliptos. De lá saíram quilombolas que engrossaram novas comunidades, como Água Preta de Baixo, em Ouro Verde de Minas. Foi certificada pela Fundação Cultural Palmares em 2009. Resistem ainda o artesanato em sapé e quitandas como o bolo de mandioca e a produção de queijo caseiro.

*FERREIRÃO/PAULOS/GONÇALVES*

Isolada da área urbana, a 95 quilômetros, tem na capela de Bom Jesus a referência principal da população das três comunidades vizinhas, que mantêm o festejo da folia de reis em homenagem ao padroeiro. A produção de farinha de mandioca é a atividade econômica de maior vitalidade entre os moradores, que se empenham para obter o certificado de auto-identificação quilombola junto à Fundação Cultural Palmares.



## BELO ORIENTE

### ESPERANÇA

Situada a 25 quilômetros da sede municipal, a comunidade é numerosa, considerando a média das povoações quilombolas rurais de Minas. Esperança ainda não obteve o certificado de autoidentificação pela Fundação Cultural Palmares. Os moradores se dedicam principalmente à agricultura, cultivando banana, maracujá e melancia, e à fabricação caseira de alimentos processados, como embutidos defumados e quitandas à base de goma de mandioca, fubá e farinha de trigo

## BELO VALE

### BOA MORTE

As múltiplas narrativas são típicas nas comunidades quilombolas muito antigas. Boa Morte teria relação com a Lei dos Sexagenários (1885). Dizia-se que os escravos com mais de 60 anos de idade, libertos em função da lei, teriam uma 'boa morte', e muitos foram morrer no quilombo. Outra versão dizia que a padroeira da comunidade, Nossa Senhora da Boa Viagem, ou de Assunção, também é da Boa Morte em alguns lugares, porque todas essas denominações serviam para nomear a morte terrena de Maria, subida aos céus. O certo é que a família Silva, misturada com Pereira, teve Maria Senhorinha, escrava liberta, como ascendente conhecida mais antiga.

## CHACRINHA DOS PRETOS

Hoje espremida entre o rio Paraopeba e os trilhos da antiga ferrovia Central do Brasil, implantada no lugar em 1909, a comunidade tem sua origem em meados dos anos 1700. Desbravou o lugar o português José de Paula Peixoto, riquíssimo fazendeiro e minerador. Mandou construir uma casa de pedra e teria mantido uma escravaria estimada em mais de mil africanos e descendentes. Solteiro, tomou uma das escravas como mulher. Não tiveram filhos. Com a morte de Peixoto, a mulher, cujo nome nem a memória oral fornece, teria concedido alforria geral. As ruínas de pedra se estendem por cerca de 1,2 mil quadrados, sobreviventes da última destruição comandada pelos construtores da ferrovia.

## BERILO

### VAI LAVANDO

Achou ouro? Ainda não. Então, vai lavando. Esse é o mito de origem da comunidade: água vinda de longe, por gravidade, no rego aberto pelo braço escravo, para lavar o cascalho em busca de ouro. André Candido Teixeira, o Andrezinho, é guardião dessas histórias e capitão do Congado do Rosário de Berilo. Também ganhou reputação pela arte e o amor à natureza. Busca troncos secos de árvores nos matos e imagina formas. Esculpe, com formão e enxó, mulheres, homens e bichos diversos. Conta que a arte aflorou nos tempos de criança, quando se pôs a fabricar seus próprios brinquedos, uma vez que a família não podia comprá-los no comércio da cidade

### LAGOINHA

Januário Martins Neto foi um dos fundadores. Foi de uma turma de pretos que veio da Bahia à procura de ouro e diamante. Acharam o metal no rio Jequitinhonha, e vieram se espalhando até o lugar em que ergueram uma cruz, nome original da comunidade. A denominação Lagoinha veio da pequena lagoa natural que lhes matou a sede por muito tempo e ainda conserva parte de seu cabedal, apesar das rigorosas estiagens e da devastação das matas. Restaram dessa época muros de pedra e 'valos' feitos por mãos escravas para dividir as propriedades. Hoje, muitos moradores migram sazonalmente para colher café e cortar cana-de-açúcar, no Sul de Minas e em São Paulo.

### MORRINHOS

Para vencer o isolamento, a comunidade abriu a primeira estrada a muque, com enxidão, picareta e pá, até atingir a rodovia de ligação com Virgem da Lapa, o núcleo urbano mais próximo. O trabalho em mutirão é herança do tempo dos escravos libertos que povoaram o lugar. Dos tempos em que não existia arame e as divisas eram marcadas por valos (valas). Hoje, os moradores se esmeram em uma agricultura diversificada, produzindo milho, mandioca e muitas frutas. As plantações de abacaxi, mais resistentes à seca, crescem nas áreas de chapada como uma alternativa econômica promissora.

### TABULEIRO/CRUZEIRO/PORTILHO

A matriarca Antônia Ferreira, de 85 anos, segue rija e operosa, a torrar farinha em tradicionais tachos de pedra. Ainda consegue fiar e tecer o algodão. Conta que assim conseguiam as roupas de vestir e de dormir nos tempos antigos. Legado de família, desde o patriarca Chico Ferreira, bisavô que chegou a ser escravo. E que contava histórias da época em que pessoas podiam ser vendidas. Antônia acha que a diferença entre as pessoas não era só da cor da pele. Mais importante era saber se podiam ou não ser vendidas. Mas, segundo ela, quando o comércio de gente acabou, os pobres continuaram meio escravos, porque trabalhavam praticamente em troca de comida.

### BREJO

Pedro Gouvea diz que a história da comunidade vem dos 'bisos', os bisavós fundadores. Sempre metidos nos trabalhos da lavoura e da criação de gado. Quando as chuvas escassearam, há cerca de 30 anos, passaram a viver a escravidão da falta d'água. Tinham que buscar com porungas (cabaças) no ribeirão das Gangorras, numa jornada de duas horas para chegar em casa com o abastecimento. Há cerca de 25 anos, conseguiram que se furasse o primeiro poço artesiano. Depois vieram outros. Oito anos atrás chegou a luz. Mas a sobrevivência continua difícil. Até a festa de Santa Cruz, em 3 de maio, teve que ser adiada em um mês, para não coincidir com o período de migração para a colheita de café.



### BOCAIÚVA

SÍTIO/MOCAMBO/BORÁ/MACAÚBAS

As famílias de Sítio e de Mocambo procedem de uma saga comum: a escravidão no imenso latifúndio de Bento Belchior Alkmim, datado de 1766, que entre outros descendentes, teve o político José Maria Alkmin, vice-presidente no governo do general Castelo Branco. Parte das terras passaram a Ludgero Dolabella, depois aos Matarazzo e, por fim aos Atalla, num grande empreendimento de produção de açúcar. Mas a área da sede foi mantida pelos Alkmin. No lugar, restaram um tronco para castigar os escravos e uma construção que supostamente serviu de senzala.

### BRUMADINHO

SAPÉ

Iza Maria Silva Santos e Osvaldo dos Santos, casados e primos em primeiro grau, nasceram na comunidade. O avô comum, Justino, veio da Boa Morte, Belo Vale. Nos primeiros tempos de matrimônio, Osvaldo trabalhou transportando leite em tropas de burros entre uma fazenda de Brumadinho e um laticínio de Moeda. Eram uns burros trancheiros, que, de quando em quando, saíam da trilha e exigiam muita energia para serem repostos no caminho certo. Duas a três horas pra ir e outro tanto pra voltar. Para o retorno, Osvaldo comprava um pão comprido e enfiava numa lata para umedecer no 'suor' do leite e matar a fome. Enquanto isso, Elza lavava roupa pra fora no rio Paraopeba.

**MARINHOS**

O nome é postiço, tirado da estação do trem para Rio, ali perto. Antes, tudo ali se chamava Sapé. É uma gente trabalhadora e festeira. Guardas do Moçambique de N.S. do Rosário – antiga, de bem mais de cem anos – e do Congo de São Benedito – um pouco mais recente, que reúnem cerca de 120 quilombolas também de Sapé, Ribeirão e Rodrigues. A ata mais antiga que se salvou da irmandade de Moçambique é de 1916. “Os documentos antigos se perderam. Perdemos também muito conteúdo de memória da comunidade, porque muitas matriarcas e patriarcas se foram e nada de suas histórias foi posto no papel”, lamenta Nair de Fátima, líder local.

**RIBEIRÃO**

Aos 91 anos de idade, Antônio Maria Braga é o atual patriarca da comunidade, onde nasceu. Demorou a casar porque prometeu que não sairia de casa enquanto a mãe, Maria do Carmo Machado vivesse. Ele não conheceu seu pai. Maria do Carmo contava sobre antigos escravos de fazendas da região. Perdida a mãe, engrenou sete filhos com a amada Lúcia. Antônio ajudou a abrir com enxadão a primeira estrada para Marinhos. Era para um caminhão que vinha buscar lenha. Trabalhou nas pequenas lavouras do quintal até 2019, quando uma queda de cavalo o aconselhou a parar. Já não mora na casinha de barro e sapé dos primeiros tempos, mas a memória continua a galopar.

**RODRIGUES**

Os irmãos brancos João e José Rodrigues doaram a área do pasto dos porcos da fazenda para os escravos. É dessa época a construção pelos mesmos escravos, a mando dos fazendeiros, de um longo muro de pedra que está hoje semidestruído. Dentro do perímetro, numa superfície de 2,5 alqueires, está a comunidade, inclusive o antigo cruzeiro, que ganhou, muitas décadas mais tarde, a companhia de uma capelinha para a devoção a Santa Cruz. O casal Galileu Marques da Silva e Marlene de Sousa são atualmente os moradores mais antigos de Rodrigues, que perdeu a maior parte da população, migrada para as cidades.

**CANTAGALO****SÃO FÉLIX**

As escravas Reduzina e Maria Rosa são as personagens fundantes da memória da comunidade. Talvez por isso, são as mulheres que lideram o resgate da cultura quilombola de São Félix. Durante o processo de autoidentificação junto à Fundação Palmares, Ana Maria Pascoal e a irmã Conceição de Fátima puxaram da lembrança os passos e a música da dança de caboclo que viram na infância. Foi o embrião do grupo Mães da Terra, hoje com dez integrantes de várias idades. Como a cultura é coisa viva, Ana Maria passou a compor letras para cantar nas apresentações, que extrapolaram o município. ‘Ganhamos respeito’.

**CAPELINHA/VEREDINHA****SADENTO ANTÔNIO DO FANADO**

Maria da Conceição Moreira lembra do pai, Joaquim, fazendo canudos (flautas) de taquara para os filhos brincarem. Também de quando o acompanhava no trabalho de derubar sucupiras e braúnas a machado, serrar e lavar as toras, para sustento da casa. Nessas jornadas, Joaquim ia lhe mostrando as cercas de pedras que os antepassados escravos construíram e lugares onde foram enterrados muitos deles. Ela acrescenta que, até recentemente, a condição assemelhada à escrava não havia mudado de forma significativa. “A gente levantava para trabalhar na segunda cantada do galo e praticamente não havia pagamento em dinheiro. A comida era feijão andu, fava, fubá torrado ou canjica de milho. Só”





### BOM JESUS DO GALEGO

Assim como na Vendinha, a marujada ganhou uma versão puxada por dois violeiros à frente, seguidos por caixas de percussão em menor número do que a marujada tradicional. O nome, Mangangá, também é particular dessas duas comunidades. Refere-se a uma espécie de besouro de adejar ruidoso. Talvez por isso, o cantador de mangangá João Cordeiro, de antiga família local, ganhou o apelido de João Barulho. Aprendeu com a mãe, Ana Luiza, que herdou a tradição de seu pai, Remoaldo, nesse lugar de misturas de pretos e brancos, todos irmãos no trabalho pesado das lavouras. Os menos pretos são chamados de roxos, como o Galego, que morou na cabeceira do ribeirão, muito tempo atrás.

### CATUTI

#### MALHADA GRANDE

As mulheres da comunidade quilombola gorutubana assumiram as rédeas dos tempos novos com tradições antigas. Voltaram a plantar algodão, fiar, tecer, costurar. Também retomaram a produção de farinha de mandioca, do biscoito de polvilho e do sabão à base de óleo de algodão. Mas também aprenderam coisas novas como pães e bolos de farinha de trigo. Novas fontes de renda para uma gente mergulhada em grandes carências financeiras, a falta de trabalho remunerado e os rigores do clima cada vez mais árido. Alvelina Antunes da Silva, a Vila, é uma dessas mulheres: fiandeira, tecelã e costureira, com muito orgulho.

### COLUNA

#### FURTUOSO

Era o apelido de um dos mais antigos moradores. Acabou sendo adotado como sobrenome da família e, depois, rebatizou a própria comunidade, certificada pela Fundação Cultural Palmares em 2010. Os moradores conservam a prática da colheita comunitária nas lavouras (maromba) e o curioso nome de Iaiá com Ioiô para uma iguaria de angu com frango. A celebração do Dia da Consciência Negra é a marca da autoidentificação quilombola.

### SUAÇUÍ PITANGUEIRAS

O surgimento da comunidade se deu há cerca de 200 anos por migrantes de outros quilombos do Serro e Diamantina. Escolheram uma área às margens do Rio Suaçuí, a 32 quilômetros da atual sede do município e passaram a cultivar banana, arroz, milho e laranja. Não faz muito tempo, as casas eram de pau-a-pique com cobertura de sapé. Em 2010, obtiveram o certificado de autoidentificação da Fundação Cultural Palmares.



## CONCEIÇÃO DO MATO DENTRO

### TRÊS BARRAS

José Silva explica que barra significa encontro de rios e ribeirões. E ali, nas cercanias, encontram-se o Cubas, o Preto e o do Carmo para engrossar o Santo Antônio, rio grande, maior afluente do Doce. Vieram dos velhos as histórias de Frederico, bisavô materno, que teria sido escravo. Beirando os 70 anos, José planta no pequeno terreno, bem como em terra de 'arrendo'. Sustenta junto com vizinhos e parentes o terno de marujada, com roupa branca e capacetes com fitas coloridas. "Antes se fazia numa armação de taquara, hoje se usa arame para papelão. É nossa história que vale".

### CUBAS

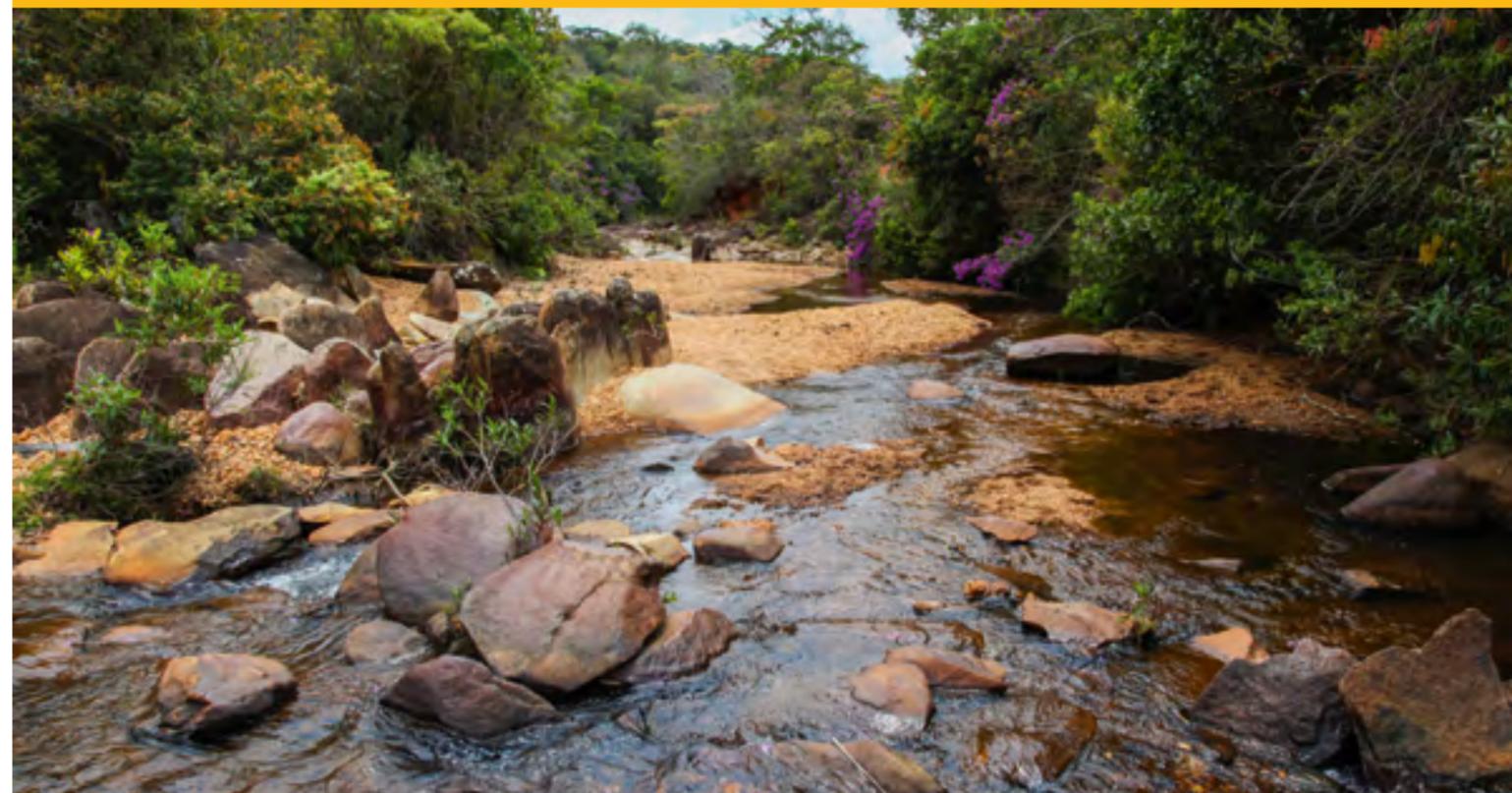
O casal Geralda e José Geraldo, filhos de Casemiros diferentes, Assis e Costa, conservam a casa com paredes de pau-a-pique espaçosa, com vigas de braúna, de cara para a beleza encantadora da Serra do Intendente. Ali perto, as águas do ribeirão Cubas ainda movem o moinho de roda de pedra. Faz fubá fininho e canjiquinha. Os esteios de braúna do engenho de cana ainda estão de pé. Tudo vem de ascendência antiga, preta, de Antônio Costa, o fundador da comunidade, com sua capela do Divino Espírito Santo. José Geraldo segue a plantar roças de arroz, milho e feijão.

### BURACO

Vieram cinco pessoas do córrego do Onça, junto ao atual distrito de Itacolomi: os irmãos Frederico, Olímpio e João Baiano e os amigos Manoel Sabino e José Silvano. Procuravam terras livres para plantar suas roças. Se fixaram ali, na encosta da montanha que circunda uma grande depressão onde corre o ribeirão Cubas. Por isso, Buraco. Casaram-se e a árvore se abriu em galhos e ramos. Hoje são 50 famílias descendentes. José de Paula Maria da Silva, de 82 anos, e Manoela dos Santos, de 78, formam o casal de referência dessa comunidade que migrou em boa parte do catolicismo para o credo evangélico.

### CANDEIAS

Fugido de uma fazenda entre as localidades de Córregos e Santo Antônio do Cruzeiro (Taperinha), o preto Hilário Candeia fundou a comunidade, a 21 quilômetros do núcleo urbano de Conceição do Mato Dentro. A estrada ainda é de terra, mas já foi bem pior. No passado, houve garimpo de ouro e diamantes, produção de farinha, cachaça e rapadura, e ainda conserva casinhas de adobe. A luta para evitar o fechamento da escola local e o processo de autorreconhecimento quilombola revitalizaram os laços comunitários e o apreço pela tradição: a marujada e o angu de banana verde nas festas em torno da centenária igreja do Rosário.



## DIAMANTINA

### QUARTEL DO INDAIÁ

A memória da comunidade está hoje com Sinêca, filha do lendário Pedro de Alexina, falecido há seis anos, garimpeiro de diamantes e o último dos grandes cantadores do Vissungo, um conjunto de versos em dialeto africano que era entoado pelos escravos, especialmente nos funerais e no trabalho. A comunidade, situada a mais de 40 quilômetros por estrada de terra do Centro de Diamantina, foi certificada pela Fundação Cultural Palmares em 2011.

### VARGEM DO INHAÍ

A coleta de sempre-vivas e outras flores do cerrado é uma das atividades mais tradicionais e importantes economicamente para a comunidade, certificada pela Fundação Cultural Palmares em 2011. Vargem do Inhaí está localizada a 82 quilômetros na sede municipal. Os moradores também se dedicam a plantações de cana-de-açúcar para produção de rapadura na fábrica comunitária e a roças de mandioca. Persistem a folia de reis e as pastorinhas, que se estendem do Natal a 6 de janeiro, Dia de Santos Reis.

### *BRAÚNAS*

É um povo preto tradicional das margens do rio Jequitinhonha. Gente do garimpo no auge da seca e da lavoura de vazante no fim das chuvas. Gente que matava a primeira capivara que invadia as roças e espalhava o sangue ao redor. Bicho algum ousava mais entrar para destruir as plantações de arroz e milho. Os quilombolas também colhiam flores do campo nos varjões para vender. Hoje, enfrentam severas restrições impostas depois da criação do Parque Nacional das Sempre-Vivas. Como se não fossem eles os responsáveis pela preservação da exuberante mata de perobas, ipês de várias cores e, sobretudo, de imponentes braúnas.

### **DOM JOAQUIM**

#### *RIBEIRÃO*

O surgimento da comunidade, a 35 quilômetros da cidade, está ligado à biografia de Luiz Gonzaga, nascido em 1901 da escrava Maria Maia, liberta na Lei Áurea. O próprio fundador trabalhou em regime de semiescravidão na fazenda até a fase adulta, quando foi expulso e, com trabalho árduo comprou a posse do terreno onde está hoje Ribeirão. Os moradores labutam em lavouras de feijão, abóbora, arroz e cana-de-açúcar. A comunidade foi certificada pela Fundação Cultural Palmares em 2013.

#### *CÓRREGO CACHOEIRA*

A história da comunidade está ligada à vizinha Ribeirão de onde saíram os fundadores. Tanto que Cachoeira e Ribeirão foram certificadas pela Fundação Cultural Palmares num mesmo processo. Adriana Maria de Fátima

e a mãe, Maria Aparecida, se sucederam na presidência da associação quilombola local, responsável pela obtenção do certificado. Ela diz que essa mobilização fortaleceu a comunidade, inclusive para a divulgação de seus produtos agrícolas.

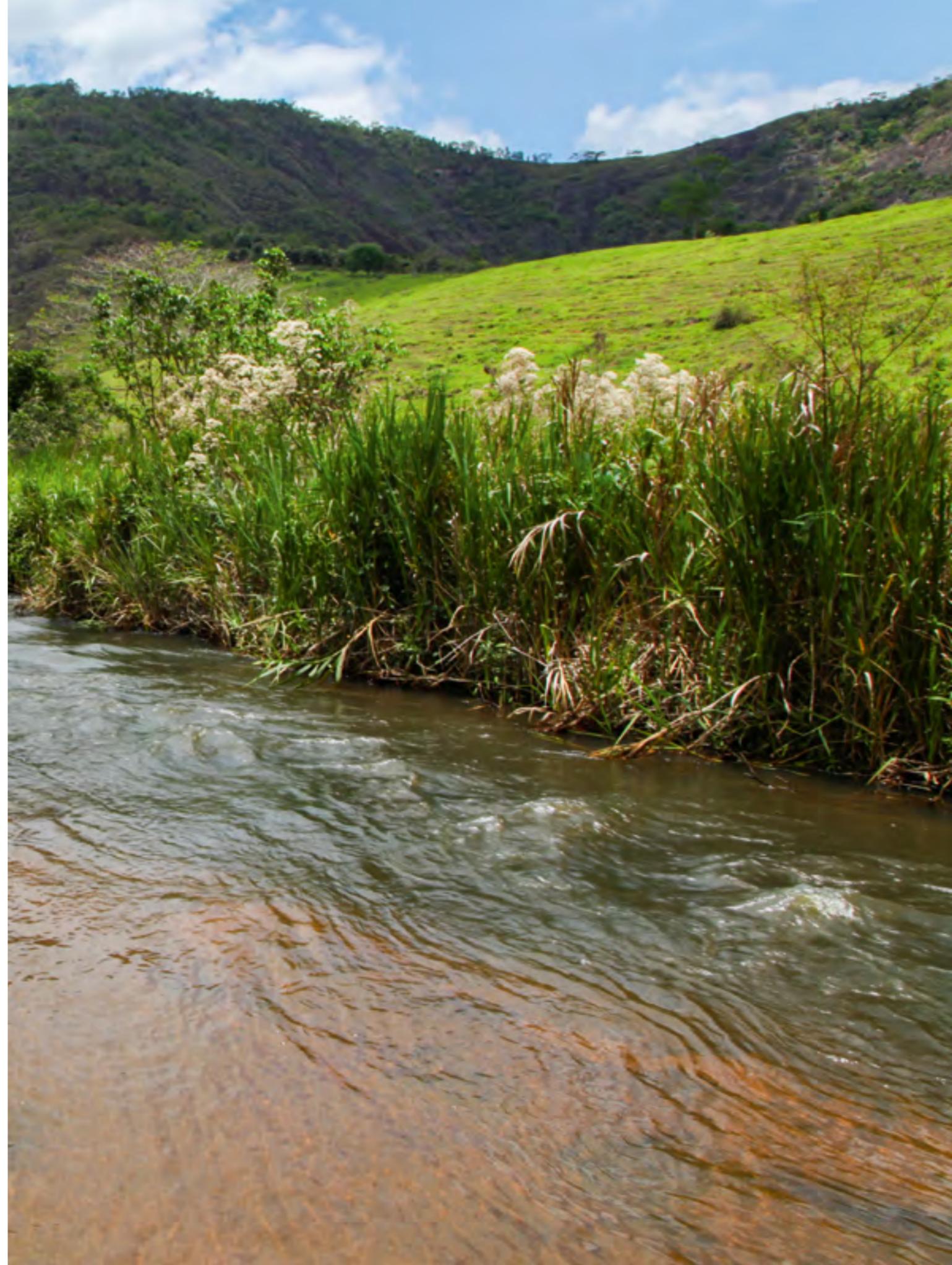
### **DORES DE GUANHÃES**

#### *PEÃO*

O nome é uma homenagem ao patriarca, Fabricio José Antonio dos Santos, criador de cavalos, mulas e tropeiro maior da região. A pessoa que tinha esse ofício era conhecida como peão nas bandas do rio Guanhães. Ao lado da esposa, Alexandrina Carolina dos Santos, fundou a comunidade. Da quarta geração dos Santos, vive hoje em Peão o casal Ricardo e Maria Leonidas, primos em primeiro grau, já com filhos e netos. Cioso do legado de liderança do velho Fabricio, Rogério preside a associação dos moradores e empunha o bastão de primeiro regente da guarda de marujos de Nossa Senhora do Rosário

#### *FAZENDA DO BERTO*

O nome é uma homenagem ao primeiro negro a chegar ao local, a 23 quilômetros do Centro de Guanhães. Era um tropeiro chamado Beltrano, apelidado de Berto. Foi seguindo o caminho das tropas que vieram mais pessoas para formar a comunidade, certificada pela Fundação Cultural Palmares em 2018. Há ainda casas de pau-a-pique. Segundo os moradores, restam, na Fazenda Candonga, nas imediações, vestígios da escravidão, como um tronco, correntes e o grande portão de madeira da senzala.



## FRANCISCO SÁ

### POÇÕES

O surgimento da comunidade, a 35 quilômetros do município preza o nome antigo, Brejo das Almas, ou simplesmente, Brejo. Faz parte desta história a migração de escravos fugidos da Bahia para a bacia do Rio Gorutuba, da sua parte baixa até a nascente, no atual Francisco Sá. Ali, começou pelo povoado de Poções e se irradiou para formar mais 12 comunidades quilombolas. Veio o algodão, a mamona, o alho, o gado, um matando o outro. O povo quilombola resistiu, apesar dos anos severos de seca. Veio uma barragem, que mudou as casas de lugar e a Folia de Reis se foi junto com os velhos.

### POCINHOS/MARANHÃO/AMARRIO/ LAGOA SECA/PEDRINHAS/BOA ESPERANÇA

Belchior Gonçalves Santos, de 74 anos de idade, conviveu pouco, mas intensamente, com o avô João Gonçalves de Souza, o João Grande, e com a avó Vicência Martins do Espírito Santo. Quilombolas que conseguiram comprar um pequeno pedaço de terra naquelas paragens de Gerais, planas e quentes. O tempo do cativo já andava longe, mas Belchior diz que fez muito trabalho de escravo. O principal era cavar poços com chibanca, uma espécie de picareta, e jogar em banguê, um caixão de madeira, com hastes nas duas pontas, para carregar em dupla.

### POÇÕES 2 E 3

O povo ficou no pé da barragem da Codevasf, construída nos anos 1980. Obra prometida pra combater a falta d'água, represando o córrego Poções no desembocar para o rio Salinas, também intermitente. Ana Cardoso de Brito, aos 85 anos de idade, lembra da lida para buscar água numa cacimba distante. Certa vez, o 'dono' da cacimba tomou-lhe pote e o derramou. Foi obrigada a seguir caminho por mais léguas até a Serra do Toba, para encher a vasilha. Outro flagelo era o Mal de Chagas, que levou o caçula de Ana, um rapaz de 19 anos.

### ARROZ/PRUDENTE

Aqui se plantava muito arroz, explica José Durães de Abreu, de 74 anos. Mas as chuvas escassearam. Isso era no tempo do avô Manoel Bertoldo. Depois veio o algodão, a mamona, o alho. Como as chuvas teimavam em falhar e os atravessadores persistiam em calotear, muita gente foi embora para as cidades, muitos pra longe, São Paulo. José também trabalhou duro cavando poços com chibanca e abatendo árvores para fazer carvão. Dormia ao relento na mata, alimentando-se apenas com uma mistura de farinha de mandioca e açúcar.

### POÇO JOÃO DE DEUS

João Martins Cardoso não sabe quem foi João de Deus. Sua lembrança só alcança os avós paternos, Josefina Cardoso Alkimin e José Francisco Costa. Este, festeiro, organizador e anfitrião da Folia de Reis, que tinha o primo Antônio Gaspar como folião. Eram três noites de festa, com caixa, rabeça, violão, viola e cavaquinho. Terminava com a reza do terço e muita comida na casa do festeiro. Acabou-se, como os campos de algodão, as roças de milho e feijão. Agora, só há gado mestiço, de corte e de leite. Restaram em Poço João de Deus nove casas habitadas.

### MAMONAS/MINGAU

O córrego corria sempre e era famoso. Hoje, só flui quando está chovendo. Era o tempo em que um dia de serviço pago nas fazendas não dava pra comprar uma lata de óleo e se plantava feijão vagem roxa no meio do algodão. É João Alves de Brito que se lembra disso, mas a memória não chega aos avós paternos, José Pereira de Souza e Maria Gomes. João é novo ainda, quarenta e poucos anos, mas imagina que a vida dos antigos foi tão penosa quanto a sua. Quando chovia, no trabalho, devorava de pé a marmita para não enlamear as calças.





## GAMELEIRAS

### TEOTÔNIO

Era uma viagem de oito dias para ir, outro tanto para voltar, em tropas de burros e cavalos, entre a comunidade quilombola às margens do Gortuba e o porto de Matias Cardoso, no rio São Francisco. Lá iam trocar a produção de mamona, feijão, algodão, principalmente, na barca que trazia o que não podiam tirar da terra: o sal, o café em grão e a rapadura. Crianças, como Bernardina Cardoso Pereira da Luz, ficavam em casa, onde se usava a mamona torrada, pilada, fervida e coada, para extrair o combustível para os candeeiros de barro. Aos 98 anos de idade, com memória prodigiosa, ela conta como faziam sabão com a cinza da árvore tapicuru, adicionada ao sebo de boi ou ao fruto macerado da árvore tingui.

## GUANHÃES

### VALADÃO/BARREIRA DE BAIXO/BARREIRA DE CIMA/ CRUZEIRO DA ARICANGA

Valadão não se sabe o porquê. São os Teixeira da Silva misturados com os Jesus que vivem ali, a quase 30 quilômetros por estrada de terra da cidade. Uma família só, que veio do Córrego do Berto, em Dolores de Guanhães, procurando terras desocupadas para plantar roças e sobreviver. O Berto era fazenda escravocrata nos tempos antigos. Em Valadão, são cinco casas de pessoas pretas. As mulheres cultivam nos quintais milho, feijão, mandioca e muitas frutas. Os homens saem para trabalhar em fazendas, qualquer uma que lhes pague pelo suor da labuta.

## ITABIRA

### MORRO LABORIAUX

Os moradores preferem a denominação Morro, simplesmente. Alegam que Laboriaux é um nome postiço, tirado da Estação Engenheiro Laboriaux, da Ferrovia Vitória a Minas, instalada nas imediações em tempos muito posteriores à origem da comunidade. Quando era apenas Morro, as mulheres lavavam roupa 'pra fora' numa fonte do Córrego do Pontal. Para comer algo parecido com carne, os quilombolas iam ao matadouro da Fazenda do Chico Leandro em busca da barrigada, do pé de boi para o mocotó. As terras eram delimitadas por valas (valos), ou por cercas vivas de gravatá e mulungus. Os vizinhos respeitavam.

### ENGENHO

Dona Alvina da Cruz Aurelio, do alto de seus 90 anos, conta que, naquela terra onde nasceram seus avós, o povo saía a pé com balaços na cabeça cheios de mandioca, banana, broto de samambaia, abóbora e quiabo pra vender na cidade. Quando não conseguiam dinheiro pelas mercadorias, barganhavam por arroz, macarrão e outros mantimentos que não conseguiam tirar de suas roças. Eram todos meio parentes e solidários na pobreza, no trabalho e na alegria.

### CAPOEIRÃO

"Era mato grande, a capoeira, por isso capoeirão. E nesse meio fomos criados, as roças nas partes baixas a fornecer tudo o que não era sal, macarrão e querosene para as

lamparinas, que tinham de ser barganhados com os excedentes das lavouras, conta Antonio Vicente dos Santos. Órfão de pai, teve que buscar trabalho nas carvoeiras bem cedo, aos oito anos de idade, pra ajudar em casa. Depois foi trabalhar nas minas, sempre em áreas insalubres, aposentando-se antes dos cinquenta anos, debilitado. Voltou para viver o merecido descanso no meio das capoeiras da infância.

#### MORRO SANTO ANTÔNIO

Formada por antigos escravos da Fazenda do Jirau, foi por muito tempo denominada de Morro dos Crioulos. Com a chegada da imagem de Santo Antônio para a capela erguida no povoado, adotou o nome atual. A matriarca, Dona Tita, de 95 anos de idade, lembra-se bem de quando todas as casas eram de pau-a-pique. Ela conta que, na época de seca, os moradores molhavam os telhados de sapé com cabaças para evitar incêndios. A comunidade foi certificada pela Fundação Cultural Palmares em 2011.

#### JABOTICATUBAS

##### AÇUDE

Os escravos libertos teriam chegado à região logo depois da Abolição, provenientes em parte da Fazenda Cipó Velho. Depois de muitos conflitos com fazendeiros do entorno, conseguiram por usucapião a diminuta área que ocupam. A mais importante manifestação cultural é o Candombe, de matriz afro-brasileira, ritmado pelos tambus, uma espécie de ata-

baque em forma de cone invertido, e cantos em louvor a Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora Aparecida. A comunidade foi certificada pela Fundação Cultural Palmares em 2006.

#### ESPADA/CAPÃO DO BERTO/XIRU

Situadas a 36 quilômetros da sede do município, as três comunidades são vizinhas, com origem e realidade atual comuns. Descobriram a identidade quilombola graças a estudos de antropólogos que pesquisaram a região. Hoje, são pequenos produtores de leite e fazem artesanato em madeira. Passaram a conviver com grande número de chácaras por causa do turismo da Serra do Cipó. As comunidades celebram juntas o Dia de São Sebastião.

#### JAÍBA

##### SANTA LUZIA

Edna Correia da Cruz lembra da avó, Luzia, torrando farinha de mandioca no tacho e a netaiada, sentada sobre couros de boi no chão, pedindo beijuzinho (tapioca) quente. Lembra, também menina, de ter formado a barreira humana de crianças, mulheres e homens, armados de foices, machados e paus, para enfrentar os grileiros da família Pulus, que tentaram destruir as casas quilombolas com trator de esteira e lâmina. Luzia recebeu o nome da santa que dá nome à comunidade e as terras da mãe Altina, de pai e mãe escravos. Os Correia da Cruz são parte da raiz gorutubana, espalhada em 32 comunidades, que hoje detêm de fato apenas 3% de seu território ancestral de 47 mil hectares.





## JANAÚBA

### JACARÉ GRANDE

“Os maridos tão pelo mundo trabalhando para colocar comida dentro de casa. Aqui não tem trabalho nem água para as lavouras. O Rio Gorutuba está seco há oito anos. Só vem alguma água quando chove muito, mas dura pouco.” Assim descreve Maria Pereira de Araújo, de 71 anos, aposentada, que se ocupa da criação de um casal de netos, enquanto o filho Silvano trabalha tirando leite e fazendo queijo numa fazenda da região. Ela explica que, décadas atrás, a comunidade se sustentava com o algodão e o carvão. Um se foi com a praga do bicudo, outro com a destruição das antigas matas.

### VILA NOVA DOS POÇÕES

O distrito é o núcleo da associação quilombola que reúne seis comunidades quilombolas do município, sob o nome ‘Bem Viver’. O sustento tradicional das comunidades foi fortemente abalado pela perda de território para as grandes fazendas irrigadas que, por sua vez, esgotaram as águas do rio Gorutuba e o Poção, um grande manancial de água que nunca secava, mesmo nas estiagens mais rigorosas, e deu o nome original ao distrito. Com todas as dificuldades, a associação atua para revitalizar manifestações culturais, como a dança do pote. As mulheres dançam com um pote de barro equilibrado na cabeça, ao ritmo de caixas de madeira e couro e de uma espécie de rabeça artesanal, com cordas feitas de cipó Imbé.

## JANUÁRIA

### CALUZEIROS/ÁGUA VIVA/RIACHO DA CRUZ

Maximiano Lopes era escravo fugido da Bahia, subindo o rio São Francisco. Um preposto do patrão vinha em seu encalço para levá-lo de volta ao cativo. Já pelas bandas de Januária, na praia do rio, em lugar chamado Monte Belo, Maximiano, em apuros, escondeu-se sob a longa e rodada saia de uma preta que vendia doces. Até que a mulher lhe dissesse que podia seguir caminho sem risco. O preto foi-se e uniu-se a uma escrava, que faleceu no parto de Carolina, a Calu. Por casamento com o preto Veríssimo, é matriarca dos Caluzeiros, que consolidaram as comunidades quilombolas que formam hoje o distrito de Riacho da Cruz.

### CABANO/VILA APARECIDA/TOMBEIRAS

Era um boi admirado. Tinha chifres invertidos, em compasso, que tocavam o chão. O desenho lembrava o contorno de uma cabana. Por isso ganhou o nome de boi cabano. Pelos caminhos, traçava linhas paralelas no chão, como se fossem as rodas de um carro. Certo dia, ao buscar água para beber, atolou num brejo, morrendo por lá. Os moradores, então, decidiram dar o nome de Cabano à comunidade quilombola que se formava nas imediações. Gente festeira, que preserva a folia de reis, o lundu e a dança de São Gonçalo – sempre que é preciso pagar promessa - com sanfona, violão, zabumba, caixa, pandeiro e triângulo.

### RIACHO NOVO/LAGOINHA/VILA PADRE HERBERT

As comunidades, exceto Vila Padre Herbert, são filhas da ocupação do Riacho da Cruz, hoje sede de distrito. Em Riacho Novo, viveu Joaquim Rodrigues dos Santos, o Joaquim Mestre, por seu ofício de marceneiro, construtor de carros de bois e canoas, meios de transporte essenciais numa época em que não havia estradas na porção de terra entre o riacho e o rio São Francisco. Já a Vila Padre Herbert nasceu da iniciativa do religioso alemão para recolher donativos e construir cerca de 40 casas para os quilombolas da ilha Amargoso que, a cada cheia, tinham de se abrigar precariamente em áreas mais altas.

### QUEBRA GUIADA

Os quilombolas moravam no morro, ao abrigo das cheias do São Francisco. Quando as águas baixavam, o gado era levado para o ‘vazantão’, onde o capim crescia vigorosamente no solo úmido. Se acostumavam ali e ficavam bravos. Na época de tirá-los, às vésperas da estação chuvosa, era uma peleja. Usava-se guiadas, longas varas de madeira com ponta de metal, para tocar os bichos. Enfurecidos, quebravam muitas guiadas. A memória de Edilson Patrocínio da Silva alcança também os muitos vapores que singravam o rio: São Francisco, Iguaçu, Wenceslau Braz, Benjamim Guimarães e o mais velho e lento de todos, o Baependi. O pai, José Patrocínio, o Zé Canela, tirava lenha no machado para abastecer as caldeiras dos barcos.

## VÁRZEA DA CRUZ/GAMELEIRA/BOM JANTAR

Os mais antigos vinham de Bom Jantar, onde estava a sede da grande fazenda dos ‘coronéis’ brancos. Era lugar de pouso e alimentação dos tocadores de carro de boi, no caminho de Januária. Várzea da Cruz e Gameleira cresceram com essa migração. Osvaldina Batista de Novais, de 75 anos, conta que o nome veio de uma árvore de nome jaú, que existia na beirada da grande lagoa – várzea, onde os quilombolas iam buscar água. “Quando era menina, minha madrinha me mostrou que o pau tinha uma forma de cruz, feita por pessoas que iam lá muito tempo atrás.

## JEQUITIBÁ

## CAMPO ALEGRE

Manoel de Paula Alberto, de 71 anos, mora na casa construída para o casamento do pai, José Egídio. Paredes de adobe, telha vã, ladrilhos de barro no piso. A rua sem calçamento tem o nome dele, construtor de fornos, carpinteiro. A placa está na fachada, sinal de orgulho. Ali todos são Alberto, misturados com Lopes, mas a mais antiga ancestral conhecida, bisavó de Manoel, teria sido uma escrava de nome simples: Maria Teresa, cozinheira na casa do senhor. A comida dos escravos era outra. Beira do rio das Velhas, pobreza e muita ciência pra fazer comida boa. Uma cabeça de luango, peixe surubim, bem temperada com açafrão-da-terra, sal e coentro.

## LAGOA TRINDADE (DOUTOR CAMPOLINA)

Idelfonso Elias Lopes, de 85 anos de idade, repudia o nome oficial da comunidade. “Doutor Campolina é invenção de prefeito. Aqui é Lagoa Trindade, um mundo de água represada pela natureza, que batizou a fazenda de escravos, nossos antepassados.” Ele cita também o cemitério com marcação de achas de aroeiras, onde se enterravam cativos. A comunidade, diz Idelfonso, nasceu com o lendário escravo Pacífico, fugido de fazenda do outro lado do rio das Velhas. Por suas espertezas e inteligências, virou proprietário de terras e dono de escravos. Antes de morrer, repartiu o patrimônio com os pretos que lhe serviam.

## MANGA

## BREJO DE SÃO CAETANO

É a mais populosa das 11 comunidades quilombolas de Manga, com um núcleo bem definido de casas em torno do templo católico do padroeiro que dá nome ao lugar. Lígia Moura de Sousa, de 81 anos, é uma das matriarcas. Começou a trabalhar cuidando de crianças quando era praticamente uma, com dez, onze anos de idade. Conseguiu ficar apenas quatro anos na escola. Seguiu-se a labuta mais pesada, ajudando os pais Cecílio e Sérgia a plantar, capinar e colher. Nas grandes empreitadas, cabia-lhe cozinhar para turmas de 30 a 40 lavradores arregimentados pelo pai. Criou 12 filhos com arroz, feijão, beiju de mandioca e pamonha.

## PURIS

A comunidade se reconhece como descendente de afro-brasileiros e indígenas. Apontam o fenótipo negro e o cabelo predominantemente escorrido. O nome Puri, ou Puris, porém é intrigante, porque a etnografia aponta esse povo como parte do tronco Goitacaz, do Vale do Paraíba, entre São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Os moradores de Puris não sabem explicar. Seus antepassados são baianos e mineiros dali mesmo, das margens do rio Calindó. Dos mais antigos, Manoel Nunes Barbosa, de 88 anos, que ganhou o apelido de Mané Ligeiro por sua agilidade para tombar bois a unha, e Regina Bastos, de 80, que ainda soca no pilão de braúna a semente de mamona para extrair o óleo, remédio de gente e de gado.

## PEDRA PRETA

Joana Camilo, com mais de 80 anos, não recorda o ano certo de nascimento. Se desculpa por não estarem em casa os documentos para conferir. Diz que os pais vieram da Bahia, passando antes pela comunidade de Puris. E dá uma pista para a ascendência indígena das duas comunidades. Conta que era sagrada a participação do pessoal de Pedra Preta na festa do padroeiro do município vizinho de São João das Missões, onde predomina o povo indígena Xakriabá. “A gente passava três dias lá arranchado em barracos de rama. Dançava até o dia amanhecer”. Era uma pausa no trabalho árduo. “Quando era moça, tinha vergonha de dar a mão, porque não tinha qualidade, era grossa de cabo de enxada”.



**BEBEDOURO**

Nessa comunidade, a tradição também remete a indígenas, como conta José Dionísio dos Santos, de 81 anos. “Tinha uma brincadeira aqui que a gente chamava de Reis de Jaraguaiá. Todo mundo com umas sainhas de penas e espadas de pau que a gente batia uma na outra”. Isso era no tempo em que Bebedouro e Puris sustentavam Manga de arroz, limpo no pilão, diz José, que aos sete anos de idade já conduzia um carro de bois para levar a mercadoria na cidade. Era assim, ou em tropas de burros, porque não tinha estrada. Em compensação, havia fartura nas lavouras e água farta no rio Japoré, para tomar banho, beber e lavar roupa.

**MINAS NOVAS****BEM POSTA**

A memória dos antigos diz que a povoação é mais velha do que a própria cidade. Tempos do padre Barreiro, esperado para salvar almas, mas que se revelou um atuante mercador de escravos. E dos 30 soldados que defendiam o ouro da ação dos contrabandistas. Os padres passam, o ouro escasseia, mas a fé e a cultura permanecem. Mesmo que a igreja original em pau a pique tenha ruído. A marujada, conhecida como banda de taquara por causa das flautas de bambu, segue seu caminho. Com caixa, viola e o indefectível ‘careta’, integrante que exibe um aspecto assustador vestido em couro peludo de tamanduá.

**MONTE AZUL****SÃO SEBASTIÃO**

Há dois anos e meio as mulheres quilombolas voltaram ao passado para melhorar de vida. Era o tempo em que se plantava algodão, fiava, tecia e costurava a roupa de vestir e os panos para embalar os sonhos. Voltaram com lavouras orgânicas, algodão de três cores naturais, as rodas de fiar e os teares de madeira. Também retomaram a produção de sabão de óleo e folhas de algodão com soda. Joana de Deus Sousa confia ao marido, Clemente, a tarefa de descaroçar e limpar a lã de algodão durante o dia. À noite, ela fia, tece e costura. O tio, Carmino Rocha de Sousa, lembra de tudo e mantém no quintal um algodoeiro arbóreo dos velhos tempos, o algodão maranhão. Diz que resolveu tirar sementes pra plantar ‘para o ano’.

**PAI PEDRO****PICADA/BARRA DO PACUÍ/VILA SUDÁRIO**

Faustina Soares Santana, primeira presidente da associação quilombola local, conta que os antigos anunciavam anos bons ou ruins de chuva de acordo com os sorteios de São João e São Pedro. Não erravam. Eram tempos em que o rio Gorutuba tinha cheias memoráveis e, mesmo na seca, o peixe curimatá era farto nos poços. Também havia abundância de caça, as lavouras vingavam e se vivia à vontade em casas de varas sem porta, onde ninguém se atrevia a mexer quando a família estava fora. Hoje, muitos moradores passam até dois meses trabalhando fora e têm medo de vir em casa por causa dos assaltantes das estradas.

**PAULISTAS****ROBERTOS**

O local foi visitado pelo francês Auguste de Saint-Hilaire no Século 19. Em suas viagens pelo Interior do Brasil, ele se refere à fazenda do senhor Roberto e ao fato de os moradores terem entendido que o botânico e naturalista era um médico. Há um cemitério na comunidade, ainda em uso, que serviu para o enterro de escravos. Ficaram na memória a proibição do batuque aos escravos. A comunidade foi certificada em 2016 como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares.

**PEÇANHA****JORGES/ÁGUA BRANCA**

Antônio Jorge nasceu em 1884. Era uma criança quando veio a Lei Áurea. Mas, já casado e com filhos, vivia, na prática, escravizado como agregado em Gororós, na época município do Serro, hoje Sabinópolis. O filho mais velho, José Jorge, sabido que só, deu um jeito de tirar a família dali. Encontrou guarida em Oliveiras, município de São João Evangelista. Ele, os irmãos, filhos e genros do velho pai somavam 22 homens. Com muito trabalho e um patrão mais correto, conseguiram fazer dinheiro, plantando roças à meia. Compraram 45 alqueires por 8 mil réis em Peçanha. Nessa gleba de terra está a comunidade dos Jorges: proprietários, confiantes, trabalhadores e donos de seus destinos.



## PESCADOR

*FERREIRA*

José Ferreira de Souza veio de Feijão Bebido com a primeira esposa e a mãe, Maria Lima Pinta. Já tinha cinco filhos. Enviuvou e fez novo casamento com Sebastiana Lopes Moreira, com quem teve mais nove filhos. Derrubou a mata e se estabeleceu. A filha Expedita é a atual matriarca, com 77 anos. Ela conta que muitos moradores venderam seus terrenos. “Aqui não pode vender. Meu pai disse que não era pra vender porque adquiriu esse lugar para que os filhos não tivessem mais que andar e sofrer. Foi tocado de fazenda em fazenda até chegar aqui”. Mas o êxodo continua: três filhos de Expedita estão nos EUA, uma filha em Rondônia e dois na sede de Pescador.

## POMPÉU

*SACO DO BARREIRO*

A família Almeida aponta sua origem na escravaria da lendária Joaquina de Pompéu. Teriam recebido a terra por doação da antiga senhora, mas, com o passar do tempo, o ato foi sendo sistematicamente desrespeitado por fazendeiros. Hoje, os quilombolas estão espremidos entre grandes canaviais e lutam contra a aplicação maciça de agrotóxico e o esgotamento do lençol freático pelos pivôs de irrigação. São operosos agricultores. Abastecem a feira semanal e escolas da cidade com legumes, hortaliças, frutas e grãos, por meio de uma associação que agrega assentados da reforma agrária e indígenas Pataxó de Martinho Campos. Conquistaram um trator com implementos e um pequeno caminhão que servem a diversas comunidades.

## PORTEIRINHA

*GORGULHO/AÇUDE*

Aos 85 anos de idade, Antônio Fernandes é testemunha dos tempos em que os moradores da comunidade tinham mais terra para fazer suas roças. O rio Gorutuba, há dois quilômetros de sua casa, corria caudaloso. Agora, na maior parte do tempo, não restam nem poços de água parada. Os quilombolas estão confinados em diminutos terrenos, espremidos por grandes fazendas. “Eles foram tomando mesmo. A gente não tinha estudo, eles falavam que aquilo era deles e iam entrando”. Há cerca de três anos, algumas famílias iniciaram o plantio de pepino para conserva, que garante uma renda razoável, mas exige aplicação intensa de agrotóxicos.

## PRESIDENTE JUSCELINO

*CAPÃO*

Na confluência dos rios Paraúna e das Velhas, nas franjas de antigas fazendas tocadas por mão de obra escrava, formaram-se Capão, Pipiri, Fundo da Várzea e Lapinha. Os moradores seguiram, depois da abolição, em condição semiescrava, como agregados e trabalhadores a dia, plantando milho e cuidando de gado. O cerrado foi derrubado para a formação de extensas pastagens. Hoje, o que se vê são fazendas decadentes em que o cerrado rebrotou por carência de braços baratos para o trabalho. Fugindo da pobreza, José Aldair passou quase 40 anos em São Paulo, empregado numa grande empresa. Aposentou-se e voltou para o pequeno terreno do pai, tornando-se um dos líderes do processo de autorreconhecimento quilombola.

## PRESIDENTE KUBITSCHEK

### ANDREQUICÉ

O nome é comumente associado a uma espécie de capim do cerrado. Mas, na comunidade, vem do preto André e de uma faquinha feita com lata velha. André, traz o quicé, assim teria dito padre Albano, dono de numerosa escravaria e minerador de ouro. O clérigo teria sido o fundador do lugar, construindo uma rica igreja devotada à Senhora das Mercês. Teria enterrado um pote de ouro antes de ficar doente e ir se tratar em São Paulo. Morreu por lá. Muitos escravos, sabedores da história, reviraram as terras de padre Albano, mas jamais encontraram o tesouro. A igreja ruiu de velha. A atual é a terceira versão do templo.

## SABINÓPOLIS

### TORRA

As tropas paravam atraídas pela faina nos tachos aquecidos à lenha que dava forma final à mandioca transformada. As cangalhas seguiam viagem carregadas da boa farinha para comerciar pelo mundão afora. Caminho entre Serro, Sabinópolis, Materlândia, Paulistas, Rio Vermelho, Serra Azul. Passou o tempo, a fileira de casas engordou, espichou e se emendou definitivamente ao miolo de Sabinópolis. Não se faz mais farinha de mandioca. Virou o bairro da Torra, território de quilombolas trabalhadores, como sempre.



*CÓRREGO SÃO DOMINGOS*

Sebastião Luiz de Miranda saiu carregando a família da Barra do Santo Antônio para o Córrego de São Domingos, onde comprou um retalho de terra pra viver e cultivar. Vindo quilombola, se acompanheira dos quilombolas antigos de São Domingos. Um dia, se foi deste mundo. Deixou plantados ali os filhos Maria de Fátima e Geraldo, que perseveraram, caçados, há mais de cinquenta anos. Na época, iam longe pra trabalhar na capina e no roçado, porque não bastavam à família as lavouras de seus quintais. Hoje, aposentados, se aquietaram por ali.

*BOM JARDIM*

É uma saga de agregados sempre empurrados para as franjas, as pontas que o fazendeiro não quer. Assim vieram de fazenda no Serro para fazenda em Sabinópolis, caminho de Materlândia, beira de estrada. José Juarez Sanches, Chico Preto conhecido, assumido e querido por todos ali, veio junto com os pais. Aos 75 anos de idade, persiste a plantar milho, feijão, cana, banana e café em uma pequena nesga de solo. Não perde a lucidez e o tino de que terra é pra quem cultiva e ama.

*TURVO*

Amável Claudio do Nascimento é personagem de migrações quilombolas entre terras de parentada. As famílias se formam nessas travessias entre comunidades irmãs, em que há um pé da mãe aqui e um do pai ali. No Turvo, município de Materlândia, as capoeiras ainda tomam conta dos topos de morros e as casas se erguem esparsamente entre áreas de lavoura nas baixadas, formando um cenário exube-

rante. Lá está Amável, vindo de Contendas, para se fixar em pequeno terreno que lhe legou a mãe. É como se nunca tivesse saído do lugar.

*CONTENDAS*

Lá estão Cermária Luiza de Moura, a mãe de Amável Claudio, e Antonio Eufrazio de Moura, o pai, vindo do Córrego dos Botelhos, Materlândia. Ela, com poucos anos de escola, divididos com o trabalho nas roças para ajudar os pais Nascimento de origem. Antonio, o filho dos Moura de Botelhos, teve menos tempo de escola, porque os homens eram ainda mais exigidos no trabalho, desde os sete, oito anos de idade. A mulher, com 83 anos de idade, hoje, o homem, com 85. Agregados de fazenda, contemplados com um quintal de terra para suas próprias roças. Travessias do Córrego do Turvo, entre Materlândia e Sabinópolis. É isso.

*MARITACA*

Começo de manhã, a viúva Maria dos Prazeres Rodrigues Fabiano lembra que já estava na estrada, a pé, com o balaio cheio de brotos de samambaia pra vender na cidade. Era pra ajudar nas despesas. O resto vinha do trabalho para o fazendeiro. Ela, nos cultivos de perto da casa, como a horta, o marido, José Maria Fabiano, nas roças mais extensas. Os 11 filhos cresceram nutridos com sopa de inhame e de banana verde. Todos fortes, pretos e quilombolas. A família frutificou e mantém viva a comunidade de Maritaca.



*CORRENTINHO*

O Córrego Correntinho deságua no Guanhães, que se entrega ao Santo Antônio, que vai despejar no Doce e, daí, ao fim, é o mar. Em terras do Correntinho, viveu, há muito tempo, a preta Florinda de Moura. Essa avó é a ascendente mais remota que Geraldo de Moura, de 72 anos conheceu. E é dela que vem o pedacinho de terra onde cultiva, até hoje, milho e feijão. A família se desdobrou, desde Florinda, passando por Maria Expedita e Sebastiana, que ganharam também o sobrenome Jesus pelos casamentos. Hoje, o Correntinho é uma comunidade quilombola de 30 casas na beira da estrada para o Serro.

*CÓRREGO DA FONTE*

Três de maio é dia de Santa Cruz, data para se enfeitar o cruzeiro. Certo ano, uma vela tombou e a chama consumiu rapidamente os papéis coloridos que adornavam a cruz. Houve grande tristeza, mas, no dia seguinte, o cruzeiro foi novamente enfeitado. Assim, no Córrego da Fonte, os quilombolas encaram as dificuldades. Desde Rosa Tomé, que morreu com 102, quarenta anos atrás, e é a referência mais antiga na memória das pessoas que permanecem, como a neta Francisca Moreira Gonçalves. Ela luta para assegurar trabalho e renda para que os jovens não precisem partir.

*CÓRREGO MESTRE*

Aos sete anos de idade, Raimundo Paulo, batizado com o sobrenome Magalhães, começou a ajudar os pais na lavoura. Separou para si um retalhinho de terra, onde plantou os grãos de meio sabugo de milho. Com a colheita particular, compraria uma peça de pano para costurar um conjunto de calça e camisa. Era o pior pano, explica, e a roupa tinha que durar uns três anos. Se rasgasse, que remendasse. Conseguiu, perseverou e é pessoa respeitada na comunidade. Como diz, os dentes nasciam enquanto a gente descascava a terra pra comer.

*BARRA DE SANTO ANTÔNIO*

Nascido em Santo Antônio do Sardoá, Manoel Costa mudou-se há quase 50 anos para se casar com Maria da Conceição em Barra de Santo Antônio. Idosos, já sem forças para as grandes lavouras, cuidam juntos da horta, do pomar e das flores no pequeno terreno herdado do pai de Conceição. Antes, por longos anos, Manoel ia e vinha, entre temporadas de trabalho na construção civil em grandes cidades. Para ele, a condição quilombola não vem apenas dos distantes antepassados da escravidão oficial. 'Fui praticamente um escravo ainda criança trabalhando em fazendas e nem chance tive de ir à escola'.

*CASQUETE/CORRENTE CANOA*

Casquete é o nome que ganhou a família moradora em um pedaço da comunidade Corrente Canoa, assim denominada por causa do rio Corrente, caudaloso muito tempo atrás, carecendo de canoa para atravessar. Os Bernardino continuam com esse sobrenome nos documentos, mas todos são chamados de Casquete. Tudo por causa de Geraldo Bernardino, que usava invariavelmente um chapéu sem abas, conhecido como casquete. Vieram de Comercinho, município de Paulistas e depois moraram algum tempo nas margens do ribeirão Graipu, município de Guanhães, até se fixarem em Corrente Canoa.

**SÃO FRANCISCO***BURITI DO MEIO*

Maria das Neves, ou simplesmente Das Neves, conta que a arte veio da bisavó, conhecida como Maria do Pote, justamente por ter trazido o uso de artefatos de cerâmica da Bahia, de onde fugiu sozinha, escrava, para Buriti do Meio, para ser reescravizada por novos senhores. Os pretos que já estavam na fazenda, fizeram também longo caminho da Bahia, passando por Grão Mogol e depois pelo Gorutuba. Mas a sinhá branca, assim como seus escravos, usava panelas de ferro que se enferrujavam, escurecendo a comida. A escrava Maria também fabricou os primeiros potes para manter fresca a água de beber. Estudiosos especulam que essa era uma arte própria do povo africano banto. A cerâmica segue forte na comunidade.

*BENEDITO COSTA*

A comunidade é filhote de Buriti do Meio. De lá veio Altino Pereira da Costa, para fabricar telhas que substituiriam a cobertura das casas em palha de buriti, tijolos no lugar do enchimento (pau-a-pique) das paredes e ladrilhos para forrar o chão batido. O lugar chamava-se Caraíbas. Foi rebatizado em homenagem ao pai de Altino, também oleiro, que permaneceu em Buriti do Meio. Simião, neto de Benedito, a mulher, Romana e os filhos perpetuaram o ofício até recentemente. São grandes festeiros de folia de reis, batuque, suça e lundu, à base de viola, caixa, sanfona e rabeca, que animam a comunidade em dias santos e de pagamento de promessas.

*BOM JARDIM DA PRATA*

Paula Herminia do Rosário Carmo, da família dos Cordeiro do Rosário, conta que os primeiros moradores vieram do Gorutuba, cruzando o rio São Francisco para encontrarem seu lugar definitivo. Ela acredita também que houve miscigenação com indígenas, dada a proximidade do antigo aldeamento de Barreira dos Índios. São operosos agricultores do sequeiro e das vazantes, produzindo melancia, abóbora, feijão, arroz e mandioca. Guardam a tradição da dança do carneiro, em que o ritmo é dado pela batida frenética em latas – as atuais são de tinta. Os dançantes vão colocando versos cantados, entremeados de esbarrões de ombros.

**SÃO JOÃO DA PONTE/VARZELÂNDIA/VERDELÂNDIA***AGRESTE*

Nair Grizostes Rodrigues lembra que o tempo de criança era difícil, com pouca comida. Às vezes faltava o básico e a saída era a raiz de embu ralada para fazer um engrossado com leite. Eram duas mudas de roupa, uma por semana. Ao fim de cada período iam ao rio Verde com a mãe, dona Josefina, para lavar as peças e outros panos de casa. Era uma alegria porque passavam o dia a mergulhar e nadar na água fresca. Voltavam de roupa trocada. À noite, deitados no chão, sobre couros de boi, os nove filhos se deliciavam com as histórias contadas pela mãe. As crianças mais novas já dormiam por ali, no meio da contação.

*ARARUBA/CAXAMBU*

É reconhecida como a povoação central do grande quilombo de Brejo dos Crioulos, que reúne oito comunidades. Em 2004, iniciaram um movimento de ocupações de fazendas e de batalhas judiciais que culminou na desapropriação de 17 mil hectares pelo governo federal para a formação do território quilombola. Araruba é sede da associação dos moradores e referência para os projetos agrícolas, em que se colhe grandes safras de feijão, fava, milho e a cana-de-açúcar para a rapadura e a cachaça, principalmente. É também lugar das grandes celebrações culturais das comunidades, enriquecidas pela folia de reis, o batuque, o lundu, o coco, o sapateado e a dança de sala.

*FURADO SECO*

O nome vem de uma depressão numa parte do Brejo dos Crioulos que em tempos muito antigos não tinha água. Por obra da natureza, o lugar passou a ser inundado periodicamente pelas cheias do ribeirão Arapuim. Quando as águas do rio baixavam, um grande manancial ficava retido no furado, tornando-se fonte para beber, tomar banho, lavar roupa e matar a sede do gado. Lá viveu Candido Luís de Sousa, um grande tocador de rabeca da folia de reis. O instrumento em madeira de umburana e cordas de cipó, era tocado com um arco de pelos de rabo de cavalo. Seu Candido faleceu, mas deixou grande descendência e bons discípulos rabequeiros.

*ORION OU AREIÃO (ARIÃO)*

Lá está Leopoldo Ferreira da Cruz, o tocador de rabeca atual da folia de reis. Na verdade, multi-instrumentista: caixa, viola, cavaquinho e pandeiro. Também Domingos Pereira da Silva, de 87 anos de idade, que lidera os foliões do Brejo dos Crioulos. E Adelino Pereira de Aquino, um pouco mais novo, de 76, guardião da memória do quilombo, trineto de Manoel Modesto, o pioneiro, que veio do Gorutuba e teve uma perna comida por onça. Adelino conta que foram os mosquiteiros, que vinham a cavalo pulverizar veneno para matar o mosquito da malária, que anotaram Orion em suas cadernetas de trabalho, ao ouvirem dos velhos o nome Arião.

*FURADO MODESTO*

João Pinheiro de Abreu, o João Pera, explica que o território quilombola do Brejo dos Crioulos tem vários furados e aquele ali ganhou esse nome por causa do pioneiro Manoel Modesto. Era escravo fugido da Bahia, de um grupo que veio subindo o rio São Francisco desde Pernambuco, bateu no Verde Grande, depois no Gorutuba, até chegar às terras drenadas pelo ribeirão Arapuim. João Pera passou 18 anos em São Paulo como operário da construção civil e voltou sabedor de direitos. Foi um dos líderes da retomada do território quilombola. “Aprendemos a falar na nossa língua e conquistamos um tanto. Faltam muitas conquistas ainda”.

*BOA VISTINHA*

É a comunidade mais isolada do Brejo dos Crioulos: 42 quilômetros de estrada de terra ruim até o núcleo urbano de São João da Ponte. Viagem de moto ou carro para transportar doentes que costuma durar duas horas, quando o chão está seco. No tempo das chuvas, complica. Mas as águas têm sido escassas e irregulares nos últimos tempos. Na Boa Vistinha, que soma 40 casas esparsas, muitos moradores plantaram o milho quatro vezes na virada de 2019 para 2020 e não colheram nada, por causa dos severos veranicos.

**SÃO JOÃO DAS MISSÕES***XAKRIABÁ*

Esse povo indígena habitou desde tempos imemoriais terras entre as Bacias do Rio São Francisco e do Tocantins, em Minas, Bahia e Goiás. Têm parentesco com os Xerente, de Tocantins, e os Xavante, de Mato Grosso. No Século 18, foram escravizados por fazendeiros. Ao cabo de décadas de luta, no fim do Século 20, reconquistaram parte de seu território. Vivem numa área contínua de aproximadamente 50 mil hectares, representando a maioria da população do município de São João das Missões. Os Xakriabá vêm elegendo entre os seus o prefeito da cidade há vários mandatos, o que denota o peso da política em sua cultura. Constituem a etnia mais numerosa de Minas Gerais, com cerca de 9 mil pessoas.



## SENHORA DO PORTO

### MOINHO VELHO

A matriarca, Dona Patrocínia, de 104 anos de idade, conta que o avô foi escravo de um fazendeiro das imediações. Ela mesma trabalhou em fazendas como ama de leite e babá, sendo chamada pelos patrões de Mãe Preta. Segundo ela, o avô, depois de liberto, ganhou 'umas terras' que acabou permutando por outras no território onde está Moinho Velho. A comunidade foi certificada como remanescente de quilombo em 2014 pela Fundação Cultural Palmares.

## SERRO

### VILA NOVA

Adão Gomes conta que os pais vieram de Água Santa, como era conhecido antes o município de Santo Antônio do Itambé, em busca de terra para acomodar a família já crescida. Passaram temporadas em fazendas de Buracão e Barreto, no município de Diamantina, até esbarrarem no Sapateiro, em domínios do Serro. Adão e seis irmãos fizeram o último trecho da viagem, estabelecendo-se no distrito de São Gonçalo do Rio das Pedras. A família se desdobrou em descendentes e formou uma rua só de pessoas pretas, que ganhou o nome de Vila Nova. O quilombo esmera-se hoje na construção da sede própria da sua associação.



### QUEIMADAS

Seu Ataíde, um dos mais antigos moradores, lembra das grandes dificuldades relacionadas com a localização remota e a ausência de estradas. Como a necessidade de transportar os doentes para atendimento médico no 'camapé', uma espécie de padiola carregada nos ombros por duas pessoas. Atualmente, a comunidade, certificada como remanescente de quilombo em 2012 pela Fundação Palmares, está em conflito com um projeto de mineração de ferro com fortes impactos potenciais no território ancestral.

### SANTA CRUZ

Situada às margens do Rio Jequitinhonha, próxima do distrito de Milho Verde, conserva festas religiosas tradicionais e belas paisagens da Serra do Espinhaço. A hospedagem e o preparo de refeições para turistas nas casas dos moradores vêm se tornando, crescentemente, uma importante fonte complementar de renda para a comunidade, certificada em 2012 como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares.

### CAPIVARI

A meio caminho entre a cidade do Serro e o distrito de Milho Verde, a comunidade conserva casario antigo e uma paisagem de cachoeiras, a vista do Pico do Itambé, referência dos viajantes antigos, e é palmilhada por turistas em trilhas de grande beleza, como a que liga Capivari ao distrito de São Gonçalo do Rio das Pedras. A hospedagem e a alimentação de turistas evoluem como geração alternativa de renda.

## SETUBINHA

### QUARESMA

Na memória dos antigos, o nome da comunidade vem dos Quaresma, família de pretos das mais antigas. Outro ramo o de Custódio, atual morador. No tempo de criança, os avós, Martins e Moreira da Costa seguiam a pé, em jornada de um dia e metade do outro, para trocar farinha por outros mantimentos no mercadão de Malacacheta. Quando lá faltava o sal ou o querosene para as lamparinas, o recurso era fazer uma viagem mais comprida, até Teófilo Otoni, com bandas de porco conservadas com a última reserva de sal. Dessa época, os moradores conservaram as folias, alegre e tristes. Como a das Almas, de casa em casa, ritmada com caixa e matraca, noite adentro, nas semanas santas, fim da quaresma.

## VIRGEM DA LAPA

### CAMPINHOS/CAPIM PUBA

Os negros vieram da Bahia, passaram pelo atual município de Teófilo Otoni até se instalarem em terras públicas de Virgem da Lapa. Leonardo foi um deles. O bisneto Mauro Gonçalves Pereira é um dos líderes do movimento de retomada do território ancestral, em poder, atualmente, de grandes empresas reflorestadoras de eucalipto. Algumas vitórias na Justiça permitiram aos quilombolas sonhar com cultivos, como o do abacaxi, mais resistentes às rigorosas estiagens. O povo de Campinhos não dispunha de energia elétrica dez anos atrás. Resistiu e manteve acesa a luz do trabalho árduo e de seus tambores e danças afro-brasileiras. Já Capim Puba sucumbiu às dificuldades e não possui nem sequer um morador fixo.

### ONÇA DE CIMA

João Barreto Nobre, o João de Clemência (pronuncia-se Quelemência), por causa do nome da mãe, recebeu, aos cinco anos de idade, o encargo de cuidar da avó, Florentina de Sousa de Ariri. O infortúnio da velha senhora teria começado na idade de 110 anos. Durou até os 115. Antes, levava o neto João em suas andanças pelas chapadas, carregando-o nas costas nas travessias das águas fartas dos ribeirões. Enquanto resistiu na cama, contou histórias antigas para o neto, como as de negros que permaneceram escravizados por muito tempo por não terem conhecimento da Lei Áurea. João, hoje com 73 anos, guarda bem as longas narrativas e a paixão pelas músicas antigas que executa na velha e boa sanfona.

### CAFUNDÓ/VAI VI

As pretas iam pilar arroz na casa de fazendeiros. Solertemente, passavam um pouco do ponto. O suficiente para que um pó branco se depositasse no fundo do pilão. Recolhiam a fina farinha às escondidas. Em casa, preparavam um mingau para alimentar os filhos. Os atuais moradores acham que o nome Cafundó vem dessas dificuldades de fim do mundo, do difícil acesso e da fome, como a grande, datada de 1939. Nessa época, se mandou assentar um cruzeiro de madeira para chamar chuva, mediante rezas cantadas, como a que suplica: 'que não passe lagartixa na minha fornalha (sinal de fogo extinto por falta do que cozinhar)'.



*CURRAL NOVO*

Justiniano Pereira dos Santos tem 98 anos de idade no documento, mas está certo de que já somou 103, porque se lembra bem de quando foi registrado, já menino pronto para recordações. Trabalhou na enxada, na foice e na pá. Roça, pasto e garimpo. O ribeirão da Areia está seco, o poço se esgotou. Beber depende de irregulares caminhões-pipa. Para contar o que foi, Justiniano caminha, com o apoio de um cajado, até o cruzeiro. Mostra o lugar de fé. São cruzeiros de madeira de angico, que vão se sucedendo, à medida que apodrecem. As peças ruídas vão sendo depositadas ao pé das novas, rodeadas por pedras carregadas na cabeça durante as jornadas de pagamento de promessa, no Dia de Santa Cruz.

*PEGA*

No lugar, o rio Araçuaí, antes caudaloso, faz divisa entre Francisco Badaró e Virgem da Lapa. Os pretos fugiam da escravidão cruzando as águas e eram recapturados no Pega pelos capitães do mato. Com o fim da escravidão oficial, formaram três clãs familiares, do lado de Virgem da Lapa, antiga São Domingos. Até hoje, Ribeiro, conhecido como Panta, Lopes e Vieira evitam os casamentos interclânicos, na medida do possível. Também se dispuseram em territórios distintos. Mas se dão bem, reunidos em uma única associação. Cada clã se especializou economicamente: horticultura orgânica, fabricação de detergentes e produção de quitandas em forno à lenha. Celebram juntos o dia de Santa Ana, ou Santana, a cada fim de julho.



## VIRGOLÂNDIA

### ÁGUAS CLARAS

Formada pela migração de dois troncos familiares, os Lúcio Gonçalves (Lúcios) e os Nunes Ferreira (Jovianos) que, vindos do atual município de Rio Vermelho, ocuparam áreas de mata desabitadas ao longo do ribeirão Ramalhete. Preservam a dança de caixa (ou batuque), o grupo de caboclinhos e o que chamam de teatro antigo, com sanfona e versos. Acreditam ter se miscigenado com índios locais. Organizados e politizados, têm, por meio de sua associação, uma usina de polpa de frutas, além de serem expressivos integrantes da cooperativa regional de agricultores familiares agroecológicos, a Cresafa, sediada em Governador Valadares.









**ANEEL**  
AGÊNCIA NACIONAL DE ENERGIA ELÉTRICA  
Programa de  
Eficiência Energética

**CEMIG**



**MINAS  
GERAIS**

GOVERNO  
DIFERENTE  
ESTADO  
EFICIENTE.